



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

HELDER LEONARDO DA SILVA PIRES

**O SERTÃO EM ESTILHAÇOS:** Picos e os signos emergenciais da pós-modernidade  
nas décadas de 1960 a 1980

**PICOS-PI.**

**2019**

HELDER LEONARDO DA SILVA PIRES

**O SERTÃO EM ESTILHAÇOS:** Picos e os signos emergenciais da pós-modernidade nas décadas de 1960 a 1980

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí. Como requisito parcial para obtenção do diploma de **Graduação em História**.

Orientador: Prof.Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

PICOS – PI.

2019

**O SERTÃO EM ESTILHAÇOS: Picos e os signos emergenciais da pós-modernidade nas décadas de 1960 a 1980**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciado em história.

Orientador: Professor Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Aprovada em: 21 / 06 / 2019

**BANCA EXAMINADORA**



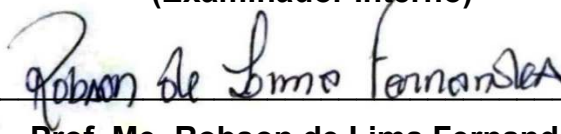
---

**Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro**  
(Orientador)



---

**Prof. Me. José Lins Duarte**  
(Examinador Interno)



---

**Prof. Me. Robson de Lima Fernandes**  
(Examinador Externo)

Eu, **Helder Leonardo da Silva Pires**, abaixo identificado como autor, autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 21 de junho de 2019.

#### **FICHA CATALOGRÁFICA**

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo**

**P667s** Pires, Helder Leonardo da Silva.

O sertão em estilhaços: Picos e os signos emergenciais da pós-modernidade nas décadas de 1960 a 1980. / Helder Leonardo da Silva Pires. -- Picos,PI, 2018.

79 f.

CD-ROM: il; 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.”

1. Picos-PI. 2. Urbanização. 3. Migrantes. 4. 3º BEC. I. Título.

**CDD 981.812 2**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e um (21) dias do mês de junho de 2019, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **HELDER LEONARDO DA SILVA PIRES** sob o título **O SERTÃO EM ESTILHAÇOS: Picos e os signos emergenciais da pós-modernidade nas décadas de 1960 a 1980**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador 1: Prof. Me. José Lins Duarte  
Examinador 2: Prof. Ms. Robson de Lima Fernandes

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 21 de junho de 2019.

Orientador (a): Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador (a) 1: José Lins Duarte  
Examinador (a) 2: Robson de Lima Fernandes

## **AGRADECIMENTOS**

Concluir esse trabalho é uma vitória almejada a muito tempo, entre trancamentos e desistências finalmente o concluo.

Agradeço primeiramente a DEUS, por ter me concedido coragem, dedicação, persistência e a força que pedi tantas vezes de joelho no chão.

Aos meus pais por sempre acreditarem em mim, por serem esses pais maravilhosos e amorosos que me direcionam sempre no caminho do bem.

A minha esposa Evlannyelie pela compreensão, por entender meus momentos de dedicação a esse trabalho e por me encorajar a prosseguir.

Ao meu filho Ian pelos abraços que me dá todos os dias, abraços esses que fazem com que todo estresse e infortúnios simplesmente sumam. Perdão pelos muitos dias de ausência, você é o motivo pelo qual levanto todos os dias e pelo qual luto incessantemente.

Aos meus professores, por todo conhecimento transmitido durante a graduação, por serem sempre solícitos e dedicados. Agradeço ao Professor Fábio, pela ajuda na escolha do tema desse trabalho e pelo pontapé inicial nessa pesquisa.

Agradeço muito ao professor Gleison, por ter assumido a orientação desse trabalho mesmo com inúmeros compromissos, por todas as contribuições e correções, por estar sempre disponível e por não me deixar fraquejar, esse momento não teria sido possível sem sua ajuda. O meu muito obrigado professor, espero um dia ser do seu tamanho, como pessoa e como profissional.

Por fim, agradeço aos meus queridos colegas de turma, pela amizade, pelos momentos inesquecíveis da graduação, por tantas risadas, pelos momentos de tensão antes das provas e dos seminários. Levarei vocês a vida inteira, e como sempre dizemos “A história continua”.

“O Brasil é um país de migrantes. É bastante comum encontrar nas nossas comunidades eclesiais, no trabalho, entre os colegas de aula ou na parada de ônibus pessoas provenientes de outras cidades, outros estados e até mesmo de diferentes países. Às vezes, quem migrou foram os pais, os avós ou os bisavós. No fundo, se remontamos às origens históricas, somos todos migrantes ou descendentes de migrantes”.

Roberto Marinucci

## RESUMO

Este trabalho busca analisar o cotidiano da sociedade picoense nos anos de 1960-1980, pois nesse período identificamos mudanças em diversas áreas: infraestrutura, lazer, comportamento da sociedade, dentre outros espaços. É nesse período que é implantado na urbe o 3º Batalhão de Engenharia e Construção para a cidade de Picos e, deste tempo em diante, podemos analisar que a cidade se dinamizou e multiplicou seus fazeres, suas rotinas. Mediante essa efervescência pela eventual transferência do 3º BEC é que através da história oral e de documentos escritos (leis, correspondências, fotos) que buscamos problematizar sua ampliação urbana e a representação do batalhão de engenharia como ápice do “progresso” local. No período preposto, analisaremos também a influência dos meios de comunicação como itens modificadores do comportamento picoense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Picos - PI, 3º BEC, Feira, Transamazônica, Sociedade Picoense, Migrantes, Cinema, Televisão.



## **ABSTRACT**

This work seeks to analyze the daily life of the Picoan society in the years 1960-1980, since in this period we identified changes in several areas: infrastructure, leisure, society behavior, among other spaces. It is in this period that the 3rd Battalion of Engineering and Construction is implanted in the city for the city of Picos and, from this time on, we can analyze that the city has become dynamic and multiplied its activities, its routines. Through this effervescence for the eventual transfer of the 3rd BEC is that through oral history and written documents (laws, correspondences, photos) we seek to problematize its urban expansion and the representation of the engineering battalion as the apex of local "progress". During this period, we will also analyze the influence of the media as modifying the behavior of the Picos.

**KEY WORDS:** Picos - PI, 3rd BEC, Fair, Transamazon, Sociedade Picoense, Migrants, Cinema, Television.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Mapa do Piauí, com destaque da cidade de Picos.	8
Imagem 02	Ford T, ano 1927, conhecido no Brasil como Ford Bigode.	17
Imagem 03	Feira Livre de Picos na década de 1950 .....	20
Imagem 04	Diário do Congresso Nacional, 18 de agosto de 1970 .....	25
Imagem 05	Local escolhido para a construção da sede do 3º BEC .....	29
Imagem 06	O 3º BEC no momento da partida para a cidade de Picos .....	31
Imagem 07	Capitão Natan comanda a frota por terra. Teve despedida do coronel Eliano .....	32
Imagem 08	1ª Companhia de Engenharia de Construção, onde eram articuladas as diretrizes para a nova sede em Picos-PI .....	35
Imagem 09	Construção do prédio do 3º BEC .....	35
Imagem 10	Entrada do 3º BEC .....	36
Imagem 11	Oratório presente na residência do Senhor Manoel Gomes da Silva.....	44
Imagem 12	Matéria do Jornal Macambira sobre a decadência do Spark.....	52
Imagem 13	Matéria do Jornal Voz do Campus sobre a imagem da Tv.....	55
Imagem 14	Show de Inauguração dos Instrumentos elétricos da Banda <i>Os Leões</i> .....	58
Imagem 15	Grupo de garotos, década de 1970.....	59
Imagem 16	Atriz Tônia Carrero nos bastidores da novela <i>Pigmalião 70</i> .....	61
Imagem 17	Zenilda Deusdará, Mundica Fontes e Lucinha Deusdará em Picos-PI.....	62
Imagem 18	Tarcísio Meira, atuando no personagem Rodrigo Soares.....	63
Imagem 19	Pesquisa do nome Cristiano a nível de Brasil.....	65
Imagem 20	Pesquisa do nome Cristiano a nível de município Picos-PI.....	66
Imagem 21	Pesquisa do nome André a nível de município Picos-PI.....	67
Imagem 22	Acessório tela colorida da residência do Senhor Manoel Gomes da Silva.	68
Imagem 23	Foto do acessório tela colorida em uso na televisão.	69

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1:** Estados de origem e respectivo número de migrantes transferidos para Picos entre 1960 e 1970.....38

**Tabela 2:** Estados de origem e respectivo número de migrantes transferidos para Picos entre 1970 e 1980.....38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 Cidades visíveis, cidades sensíveis:</b> transições urbanas, e aspiração ao desenvolvimento em Picos .....	16
1.1 Picos e os também verdes anos 60: 1960, a situação da cidade de Picos e o comportamento da sociedade picoense.....	16
1.2 Braço forte, mão amiga: A chegada do 3º BEC à cidade de Picos.....	22
1.2.1 Situação política em 1970.....	22
1.2.2 Terceiro batalhão de engenharia de construção .....	22
1.2.3 Picos, 3º BEC e a Transamazônica .....	24
1.2.4 A doação do terreno para construção do Batalhão .....	26
1.2.5 Mudança de cenário, a saída do 3º BEC de Natal - RN rumo a Picos - PI .....	30
<b>2 Picos no limiar da pós-modernidade:</b> migrações, mídias, subjetividades e sensibilidades.....	37
2.1 Chegada a Picos, primeiras impressões.....	39
2.1.1 Diferenças de costumes e tradições entre os que chegavam e os que aqui estavam.....	42
2.2 A década das mudanças, 1970 e seu impacto em Picos.....	47
2.3 A evolução da mídia e sua influência no comportamento dos cidadinos.....	50
2.4 A Televisão e seu protagonismo na influência comportamental e social dos picoenses.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
<b>REFERENCIAS</b> .....	72
<b>DEPOIMENTOS</b> .....	75

## INTRODUÇÃO

As cidades são espaços de acontecimentos das memórias, o cotidiano dos moradores, as experiências vividas, e os personagens tornam as cidades um campo fértil para pesquisas, todos os vieses historiográficos, cultural, econômico, social, político, entre outros, tem na cidade um vasto campo a ser estudado.

(...) A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nos bancos da praça, nas antenas dos para raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.<sup>1</sup>

Picos figura como a 3º maior cidade do Piauí, está a 307 km da capital Teresina, e conta com uma população de 76.928 habitantes segundo o senso do IBGE do ano de 2017. Conhecida como cidade modelo, é um dos mais importantes municípios piauienses, sendo uma referência na região centro-sul do estado e o principal entroncamento rodoviário do Nordeste, ligando o Piauí ao Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia. Essa característica aliada ao seu posicionamento geográfico lhe conferem a condição de polo comercial no Piauí, especialmente para combustíveis, serviços e mel. Sua forte influência econômica afeta não só as cidades circunvizinhas como também outros estados. Essa força surgiu com a pecuária e logo se estabeleceu com o comércio, aliás, Picos possui uma das maiores feiras livres da região Nordeste e realiza diversos eventos ligados ao agronegócio onde, além da pecuária, o mel é um destaque, tendo esse último dado um título mais recente à cidade, “capital do mel”. Após vários desmembramentos territoriais, Picos conta hoje com uma área de 535.000 km<sup>2</sup>.<sup>2</sup>

É uma cidade jovem, tem como principal característica social a mistura étnica, pois sua população é formada por indivíduos das mais diversas partes do país. Cresceu as margens do Rio Guaribas, fonte vital de desenvolvimento nos primeiros passos dessa cidade, inicialmente movida pelo cultivo de alho e pela pecuária que

---

<sup>1</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.59.

<sup>2</sup> <http://www.pi.gov.br/materia/conheca-o-piaui/picos-a-cidade-modelo-1487.html>

alavancaram a economia local e fizeram dessa cidade uma das mais importantes da região.



Imagem 01: Mapa do Piauí, com destaque da cidade de Picos.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Picos>

A cidade de Picos é berço de muitas tradições. Desde de sua fundação até os dias de hoje, uma gama de valores interioranos se fizeram presentes na cidade, de forma a cristalizar concepções, hábitos e costumes. Contudo, nesse contexto de cidade interiorana do Piauí, foi possível perceber que, na segunda metade do século XX, emergiram uma série de signos da pós-modernidade, oriundos, em grande medida, de produções musicais, filmes, telenovelas, jornais e diversas outras matrizes.

É na busca por cartografar tais valores que esse trabalho intitulado: *O sertão em estilhaços: Picos e os signos emergenciais da pós-modernidade nas décadas de 1960 a 1980*, busca entender como a cidade de Picos se inseriu, entre as décadas de 1960 e 1980, na condição pós-moderna enunciada por David Harvey<sup>3</sup>, observando quais aspectos tradicionais foram modificados pela influência de diversas outras matrizes de comportamento. Uma vez pensando que a história é feita de rupturas, mas também de permanências, caberá, também, a esse trabalho, observar quais desses aspectos permanecem intactos até os dias de hoje, de forma a tentar compreender como se processou a recepção e a aceitação desses signos, bem como analisar até que ponto eles modificaram o cotidiano da sociedade picoense.

Cidade de fortíssimas tradições culturais e religiosas, Picos foi ao longo dos tempos, tornando-se maleável quanto a rigidez das tradições nordestinas, vários sinais de pós-modernidade adentraram à cidade trazendo mudança aos costumes aqui vividos, aos poucos, Picos tornou-se um misto de tradição e pós-modernismo.

Esse trabalho se faz necessário no intuito de entendermos todo esse processo de transformação dos costumes picoenses no momento em que esses signos de pós-modernidade se misturam ao tradicionalismo da cidade. Para tanto será necessária uma minuciosa investigação no campo da história cultural e ao mesmo passo, o uso da história oral a fim de resgatar da memória dos integrantes dessa sociedade, lembranças que nos levem a compreender como as diferentes classes da população picoense receberam alguns sinais de modernidade, como eles chegaram até Picos, quem os trouxe, como foram trazidos, como foram recebidos.

Sobretudo, busca-se entender como esse aparato pós-moderno contribuiu para as profundas modificações que se desenrolam nas esferas científica, artística e social dessa cidade, bem como a construção da identidade social da Picos dos dias de hoje, a partir da desconstrução dessa mesma identidade social nas primeiras décadas dessa cidade.

---

<sup>3</sup> HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006. 349 p

Discorrer sobre esse tema foi um desafio gostoso de ter, foi uma viagem às histórias que o Seu Severino, meu avô, contava nas noites na calçada sobre sua terra natal, Caiçara do Rio dos Ventos, localizada na região de Angicos no estado do Rio Grande do Norte. A ideia para a pesquisa nasceu nessas histórias, minha família é do Rio Grande do Norte e mudou-se para Picos quando o 3º BEC foi transferido para essa cidade, meu avô, o Seu Severino, era funcionário do 3º BEC nessa época, e deslocou-se para Picos, como tantos outros, a fim de construir a nova sede do 3º Batalhão de Engenharia e Construção e posteriormente, trabalhar no mesmo. Meu pai, adolescente ainda, acompanhou o meu avô nessa empreitada juntamente com os outros cinco irmãos, aqui em Picos ele conheceu minha Mãe, dona Francisca, sou fruto do relacionamento entre um Potiguar e uma Picoense, cresci ouvindo cada um falar sobre particularidades em suas terras, entendi como a cultura de um afetava o outro e vice-versa, sendo esse também um combustível essencial para a pesquisa, se esse relacionamento entre Seu Hélio (meu pai) e Dona Francisca (minha mãe) sofreu essa diversidade cultural, passei a pensar de que forma essa mesma diversidade afetaria a cidade de Picos-PI como um todo, uma vez que a introdução de gentílicos norte rio grandenses, como também pessoas de outras cidades do nordeste nessa cidade foi muito grande, mediante a mudança de sede do 3º BEC de Natal-RN para Picos-PI.

Antes de dar voz a alguns personagens dessa pesquisa através da história oral, e pesquisar outros trajetos que formaram e deram corpo a essa pesquisa, foi de suma importância entender todos os tramites que culminaram na transferência do 3º BEC de Natal-RN para Picos-PI, é importante perceber que esse acontecimento é o ponto de partida desse trabalho no tocante a miscigenação cultural. Para tanto, a história do 3º BEC foi esmiuçada em fragmentos, fotos, documentos, diários oficiais, entrevistas, tudo foi analisado de forma a entender desde a comunicação da mudança pelo alto comando até culminar na chegada do Batalhão em terras picoenses.

Feito isso, a escolha das fontes orais partiu do princípio de vivência no recorte temporal proposto e das vivências dos personagens. Foram destacados personagens que viveram em Natal-RN no período pré-mudança, como também, pessoas que estiveram nessa mudança e chegada a Picos-PI. Por sua vez, também foram escolhidas personagens que viviam em Picos no período proposto, e



vivenciaram a chegada do Batalhão a Picos, podendo assim, fragmentar o momento em antes e pós-chegada do Batalhão, analisando as mudanças comportamentais, sociais, econômicas, culturais, destacando também as transformações sofridas com essa mudança no tocante ao aparecimento de alguns signos pós-modernos, aspirando o progresso trazido pela chegada do batalhão a Picos.

Como toda pesquisa feita na graduação, essa também não foi fácil, tendo em vista a quantidade de informações necessárias para dar credibilidade a um trabalho monográfico, e a resistência por alguns em fornecer as informações necessárias para a confecção do mesmo. Em contra partida, o acesso as fontes orais foi facilmente obtido, uma vez que os personagens são integrantes da minha família, alguns relatos orais, como o do Seu Severino (meu avô) foram resgatados de um artigo científico de minha autoria, produzido no início do ano de 2011, sobre o 3º Batalhão de Engenharia e Construção, e pôde ser aproveitado na confecção dessa pesquisa, fiquei muito feliz por poder usar essas entrevistas do meu avô nesse trabalho, uma vez que não poderia colhe-las no período em que comecei a escrever essa pesquisa, pois o Seu Severino Faleceu no mês de Agosto de 2011.

Pesquisar para esse trabalho entre outras coisas, me proporcionou inúmeras descobertas, ao ler o livro *Picos: Os verdes anos 50*, de autoria do Renato Duarte e ao pesquisar jornais dos anos 1960 e 1970 como o Jornal Macambira, Voz do Campus, Voz de Picos e o Jornal de Picos fui inundado de informações que até então desconhecia, infelizmente muitas delas não puderam compor esse trabalho, contudo, estão destacadas e arquivadas para compor trabalhos futuros.

Para a confecção desse trabalho monográfico foi necessária a reunião de uma bibliografia sintonizada com a proposta da pesquisa, além da busca por fontes, como fotos, jornais, documentos no acervo do 3º BEC, busca no site diário oficial da união e as entrevistas. No tocante à bibliografia, o livro do Renato Duarte, nos fez dar o mergulho inicial na história do município, na década de 1950, descrita por ele, como os “Verdes anos 50”, frase que dá título ao seu livro<sup>4</sup>. O uso do livro do Renato Duarte foi imprescindível para que se pudesse entender a cidade de Picos no recorte temporal proposto, contudo, foi também fundamental o uso da metodologia

---

<sup>4</sup> DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. - 2. ed. rev. ampl. - Recife: [s.n.], 1995 (Gráf. Ed. Nordeste).

da História Oral, “Por História Oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes modalidades, independentemente da área de conhecimento na qual essa metodologia é utilizada.”<sup>5</sup>. Por acreditar que essa metodologia nos aproxima da história real, do sentido temporal de cada narrativa, e por perceber ainda, que cada depoimento nos faz viajar ao ponto descrito nele, fazendo com que a narrativa do trabalho fique o mais próximo possível do recorte e da descrição que se quer passar. Os livros *Memória, Esquecimento e Silêncio*; *História, Iconografia e Memória: Os desafios contemporâneos da história oral*; e *A memória coletiva e memória histórica*, do Michel Pollack, Ana Maria Mauad e Maurice Halbwachs respectivamente, foram o suporte teórico na construção dessa monografia.

Michael Pollack<sup>6</sup> aborda a questão da história oral como objeto de pesquisa. Para ele um depoimento oral tem o mesmo valor que o de um documento escrito enquanto fonte de pesquisa, cabendo ao historiador ou pesquisador se utilizar das metodologias de análise crítica para torná-lo utilizável nos trabalhos a serem desenvolvidos, o mesmo deve ser feito em relação a um documento qualquer que tenha sido produzido em qualquer tempo histórico.

No livro *Os desafios contemporâneos da história oral*, Ana Maria Mauad<sup>7</sup> fala que a confiabilidade das fontes orais, além dos testemunhos de seus narradores ainda conta com complementos materiais (fotos, objetos pessoais e filmes) ou qualquer outra fonte que possa complementar e enriquecer a narrativa. Da mesma forma, as narrativas complementam e enriquecem o uso de objetos usados para contar a história de um determinado recorte temporal.

O historiador oral tem como matéria-prima a memória daqueles que viveram e que testemunharam fatos em uma dada época. O seu trabalho é lento, complexo e requer paciência. Há dados que precisam ser lidos e relidos, postos em confronto com outros dados para assim, poder-se dele extrair a verdade. Fazendo assim,

---

<sup>5</sup>Estatuto da *Associação Brasileira de História Oral*, fundada em 1994, Art.1º, par.1º; In: *Revista de História Oral*, nº1, 1998:14

<sup>6</sup>POLLACK, Michel. “Memória, Esquecimento, Silêncio”; In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989

<sup>7</sup>MAUAD, Ana Maria. *História, iconografia e memória*. In: SIMSON, Olga R. Moraes Von (Org.) *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, 1996.

estará o historiador puxando continuamente novos fios, fios que se cruzarão e revelarão novos elementos sobre o objeto histórico que se têm em mãos.

Sobre a memória coletiva, Halbwachs<sup>8</sup> diz que o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito, segundo ele, uma semente de rememoração por permanecer um lado abstrato, pode, ainda, formar-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência<sup>9</sup>.

Reforçando a ideia de memória coletiva o autor coloca que mesmo estando sozinho as nossas lembranças vão permanecer sempre coletivas, porque muitas das lembranças que vamos ter serão de momentos que vivenciamos com o grupo. O que ele coloca sobre a memória individual é que no contexto de toda lembrança vai existir uma intuição sensível, portanto: “Assim, na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de intuição sensível – para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social”.

Pollak<sup>10</sup> procurou explorar através do conceito de memória coletiva de Halbwachs como diferentes processos e atores intervêm na formalização e solidificação de memórias. Ele analisa também as contribuições da história oral para ressaltar a importância das memórias coletivas subterrâneas em oposição à memória nacional, uma vez que, essas memórias pertencem a uma minoria e foram sufocadas pela memória oficial, a memória de uma maioria elitizada.

Fala-se aqui de memória, pois foi através dela que se pôde chegar a fragmentos do passado dessa cidade (Picos-PI), adotando-se o método da história oral. Como referencial teórico, utilizou-se dos conceitos extraídos da Nova História Cultural, que oportuniza ao pesquisador investigar temas que antes não eram considerados como acontecimentos históricos importantes, logo, deveriam ficar afastados do registro histórico.

---

<sup>8</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva e memória histórica*. In. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>9</sup> HALBWACHS, op. Cit

<sup>10</sup> POLLAK, op. Cit.

O alargamento dos objetos de pesquisa, fontes para subsidiar e conduzir o olhar do historiador e a possibilidade da diversidade de abordagens trazidas com a Nova História favoreceu a condução e execução da presente pesquisa.

Sendo assim, como historiador, proponho registrar e analisar a história de Picos dentro do recorte temporal proposto, fazendo ligação com o 3º Batalhão de Engenharia e Construção, uma vez que a história dessa cidade pode ser dividida entre antes e depois da chegada do batalhão, explorando ainda, todas as mudanças sociais e conflitos culturais causados pela instalação do 3º BEC nessa cidade, como também, e principalmente, o desenvolvimento dos signos emergenciais da pós-modernidade na cidade de Picos.

Estruturalmente, esse trabalho está dividido em dois capítulos: O capítulo I (um), intitulado, *Cidades Visíveis, cidades sensíveis: transições urbanas, e aspiração ao desenvolvimento em Picos*, traz uma discussão das vivências na cidade de Picos no início dos anos 1960 e 1970, é tomada a chegada de militares e civis para integrarem o 3º Batalhão de Engenharia de Construção, vindos de Natal e outras cidades do Estado do Rio Grande do Norte. O capítulo busca mostrar todo o processo de instalação do 3º BEC nessa cidade, o capítulo I (um) está dividido em dois itens, e o item dois está dividido em seis subitens.

No item 1.1 discorreremos sobre a cidade de Picos nos anos de 1950, adentrando nos anos de 1960, como se encontrava a cidade? Qual o lazer da época? As perdas de território, a economia.

No item 1.2, e nos sub - itens que seguem, trazemos a história do 3º BEC, a situação política em 1970 (década da transição do batalhão), a história dessa organização militar e a saída de Natal-RN.

O capítulo II (dois), *Picos no limiar da pós-modernidade: migrações, mídias, subjetividades e sensibilidades*, aborda as mudanças ocorridas na sociedade picoense a partir da migração de gentílicos norte rio grandenses, como também de outras cidades do Nordeste que vieram para Picos. Abordaremos também as influências midiáticas (cinema, música, televisão, etc.) nos hábitos cotidianos e sociabilidades da cidade. Cabe aqui perceber como os espaços de sociabilidade eram afetados, os nomes, maneiras de se vestir, os costumes, hábitos, a mistura

causada pelo encontro de diferentes culturas, costumes e tradições. O Capítulo II esta dividido em quatro itens, sendo que o item um, possui um sub-item.

No item 2.1, abordamos a chegada dos migrantes norte rio grandenses a Picos, no intuito de perceber esse choque com o “novo”, tanto para os migrantes, quanto para os munícipes de Picos.

No item 2.1.1, explanamos sobre as diferenças de costumes e tradições entre os que chegavam e os que aqui estavam, o item fala sobre a percepção tanto dos migrantes quanto dos munícipes de Picos.

O Item 2.2 assim como os itens que seguem, nos traz os signos emergências da pós-modernidade, sendo a televisão a protagonista e principal veículo difusor dessas ideias, comportamentos e atitudes.

## **1 Cidades visíveis, cidades sensíveis: transições urbanas, e aspiração ao desenvolvimento em Picos**

O Capítulo que se inicia tem o objetivo de explicar acerca da situação de Picos nos anos de 1960 e 1970, economia, lazer, cultura e política, usando como base o livro *Picos: Os verdes anos 50*, de autoria do Renato Duarte tendo como principal acontecimento na década de 1970, a chegada de militares para construir e integrarem o 3º batalhão de engenharia e construção, o texto discorre sobre os acontecimentos que motivaram e culminaram nessa transferência. Tomando por base esse acontecimento, o capítulo busca contrastar a cidade de Picos antes e pós-instalação do 3º BEC, trazendo relatos de personagens que viveram essa mudança. O capítulo é o plano de fundo para o objetivo da pesquisa que busca entender as emergências dos signos pós-modernos nessa cidade.

### **1.1 Picos e os também verdes anos 60: 1960, a situação da cidade de Picos e o comportamento da sociedade picoense.**

O tópico que se inicia, tem como objetivo situar o leitor acerca do recorte temporal proposto, cujo objetivo é apresentar como se encontrava a cidade de Picos nos anos de 1950, apesar de o recorte temporal nesse trabalho se situar entre os anos de 1960 a 1980, é necessário, para um melhor entendimento histórico, fazer uma conexão com anos anteriores e contextualizar o leitor.

No livro *Picos: Os verdes anos cinquenta*, Renato Duarte relata que a cidade de Picos era um pequeno núcleo urbano integrado ao meio rural, era uma cidade pacata, haviam somente três automóveis na cidade, todos de aluguel, os famosos Ford bigode, chamados de fubicas, havia o mesmo número de caminhões e também eram de aluguel.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. - 2. ed. rev. ampl. - Recife: [s.n.], 1995 (Gráf. Ed. Nordeste).



Imagem 02: Ford T, ano 1927, conhecido no Brasil como Ford Bigode.

Fonte: <https://carrosantigos.wordpress.com/2008/07/25/100-anos-do-ford-modelo-t/>

O centro da cidade era a Praça Felix Pacheco, que além de ser o único jardim público da cidade, combinava as funções de área comercial e residencial com local de socialização dos picoenses. Como uma digna cidade do interior, a luz elétrica foi uma facilidade que demorou muito para atingir um nível satisfatório, até o ano de 1951 a energia era gerada por uma velha e barulhenta caldeira a vapor, que produzia uma energia fraca limitada ao período das 18hs às 21hs, em 1951 com a inauguração de uma usina a óleo, a qualidade da iluminação foi bastante melhorada, e o período foi acrescido de 2hs, passou a funcionar das 18hs às 23hs.<sup>12</sup>

O abastecimento de água da cidade era feito com jumentos carregando ancoretas<sup>13</sup> cheias de água, o vendedor levava a água até a casa dos clientes e abasteciam os potes de água dos domicílios. A maioria da população consumia água do Rio Guaribas, as famílias de maiores posses usavam a água do rio para

---

<sup>12</sup> Duarte, op. Cit.

<sup>13</sup> Nome derivado de ancora, as ancoretas eram espécies de baldes que transportavam a água.

afazeres domésticos, higiene, limpeza, e para o consumo, compravam água dos olhos-d'água, mais pura e de melhor sabor.

A cidade de Picos sofreu algumas perdas de território ao longo dos anos, no período descrito acima, faziam parte do território picoense os municípios de Itainópolis, Monsenhor Hipólito, Francisco Santos, Santo Antônio de Lisboa, Bocaina e São José do Piauí. Ano a Ano foi diminuindo o número de pessoas que moravam no meio rural, principalmente por conta desses desmembramentos municipais, mas também, por conta do êxodo para outras cidades.

Assim mesmo, Picos continuava com ares de cidade interiorana, e concentrava a maioria da população no ambiente rural, as pessoas conversavam nas calçadas, a luz mais usada era a do candeeiro<sup>14</sup>, as crianças brincavam em pequenos grupos, sobre isso o Sr. Manoel, hoje aposentado, mas que ganhava a vida plantando alho e arroz às margens do Rio Guaribas, e vendendo o que colhia, na feira-livre de Picos, nos falou que:

[...]Nós passava o dia inteiro na roça, eu mesmo plantava arroz, alho e criava umas cabeças de gado, plantei feijão também, mas plantei mais esses dois, ainda crio umas cinco cabeças de gado, quando era de noite nós ficava na calçada conversando com os vizinhos, [...]bem aqui mesmo do lado era a casa de cumpade Chico, nós conversava muito, todo mundo conversava, todo mundo se conhecia, não tinha luz, nós usava era candeeiro, mas era só dentro de casa, mas lá no terreiro era uma claridade bonita a noite, dava pra ver as estrela tudinha a luz era clara, eu acho que era por que não tinha esse negócio da poluição né? a lua mesmo era uma coisa bonita demais, quando tava cheia era mesmo que ter uma luz ligada, nós passava era de muito tempo conversando, e os meninos brincando no meio da rua, era tranquilo demais.<sup>15</sup>

O depoimento do Sr. Manoel reforça a tese de Picos como cidade pacata e tranquila no limiar dos anos de 1950, situação que segundo o mesmo perdurou quase idêntica, até a década seguinte, 1960:

---

<sup>14</sup>Uso Antigo. Utensílio portátil que, por conter um líquido inflamável e um pavio, é usado para iluminar. <https://www.dicio.com.br/candeeiro/>

<sup>15</sup> Silva, Manoel Gomes da. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires. Picos, 2016



[...]foi que, assim, sabe? Não me lembro de muitas mudanças de 50 pra 60 não, sabe? Se tivesse acontecido uma coisa, assim grande, eu me lembrava, fora as cheias, só lembro mesmo que começou a chegar mais gente lá na feira, eu acho que é isso, nós vendia alho, arroz e as vezes nós levava o gado pra vender na feira da sexta, a feira era grande, vinha gente de tudo que é lado pra feira daqui, era uma animação danada, engraçado que o sol não queimava como queima hoje...foi ficando grande a feira, era uma coisa bonita, aaah, eu lembro também que apareceram mais carros, eu achava aquilo interessante demais rapaz, eu ficava bestinha quando via um carro.<sup>16</sup>

Mais uma vez é possível captar na fala do Sr. Manoel esse ar interiorano que ele nos traz em seu depoimento. Como na maioria das cidades do nordeste brasileiro, quiçá todas, a cidade possuía a igreja, a praça e uma feira, que em todos os retratos de cidades interioranas do Nordeste, são itens indispensáveis. A feira nessa época já era uma das maiores do nordeste, como Renato Duarte nos fala:

Em traços gerais a estrutura econômica do município não diferia muito da de hoje: a agropecuária e o comércio eram as atividades econômicas dominantes, e a feira, já era então, uma das maiores do sertão nordestino<sup>17</sup>

O trecho do livro do Renato Duarte exposto acima, nos revela a feira livre de Picos, já como potência comercial como é nos dias de hoje, podemos entender o trecho do livro a partir da foto abaixo.

---

<sup>16</sup> Silva, Manoel Gomes da. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires. Picos, 2016

<sup>17</sup> Duarte, op. Cit.



Imagem 03: Feira de Livre de Picos na década de 1950

Fonte: <https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos>

Ainda sobre o período áureo da cidade de Picos, tanto nas leituras realizadas, como também nos depoimentos que foram colhidos, é possível entender a importância que o Rio Guaribas teve para o município, na época descrita, segundo o Sr. Manoel:

[...]As coisas não eram como hoje não, a gente comia do que se plantava, num era que nem hoje não, fácil desse jeito, ir no mercadinho e comprar, não, viiiish, era complicado, [...]assim mesmo não foi tanto como em 32 e 34 (1932 e 1934), que com a seca nós passamos foi fome mesmo, fome de só ter macaúba pra comer, de ver crianças morrendo de fome mesmo. Graças a Deus o Rio em 50 e 60 tinha uma água que corria direto, a gente bebia água de lá, pegava a água, trazia e enchia os potes, e tomava banho, e lavava roupa, a água era limpinha, a gente levava o gado pra beber água lá, esse rio era vida, [...]a gente plantava arroz, plantava alho lá no rio, esse rio era uma coisa bonita de se ver.[...] hoje dá uma dó grande ver ele assim seco<sup>18</sup>

Como outras tantas cidades mundo a fora, Picos cresceu em torno de um Rio, o Guaribas, dele retirava água para beber, para higiene, lavar roupa e também se

<sup>18</sup> Silva, Manoel Gomes da. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires. Picos, 2016

plantavam algumas culturas em suas margens e ilhas que se formavam em períodos de estiagem. Em seu livro, Renato Duarte destaca outras atividades relacionadas ao uso do Rio Guaribas:

[...] O velho Guaribas representava uma opção de lazer e de terapia da maior importância. Os trechos onde a água era mais profunda, chamados de poços, e onde havia a privacidade necessária eram transformados em autênticos banheiros públicos. Havia os poços dos homens e os poços das mulheres, cujos limites e privacidades eram rigorosamente respeitados...Na verdade homens e mulheres separadamente em seus respectivos poços banhavam-se nus.<sup>19</sup>

Ainda segundo relatos do Sr. Manoel, o Rio Guaribas, só era mal falado nos períodos de cheia, que na década de 1960 foram duas:

[...]Agora continuando aqui sobre o rio, só teve duas vezes que ele foi ingrato com a gente, que foi nas cheias de 60 e de 69 meu filho, [...]a de 60 foi a pior que eu já vi até hoje, era um mundaréu de água sem tamanho, a água tomou conta de tudo, [...]pra você ter uma idéia, chegou água ali naquelas escadas da matriz, e ali é alto né?, muita gente se abrigou lá mesmo na matriz, por que lá era alto, e outras pessoas subiram aquele morro da aerolândia e depois que a cheia passou ficaram por lá mesmo, construíram casa lá, e ficaram lá, tem gente que mora lá desde essa época, [...]as pessoas que construíram casa lá nesse tempo, perderam tudo na cheia, eu perdi toda uma plantação de alho, a gente plantava no meio do rio, aí quando ficamos sabendo da vinda da enchente, já era tarde demais, já tinha levado era tudo, mas num tem nada não, teve gente que perdeu muito mais coisa, teve gente até que morreu tentando salvar as coisas, o rio foi cruel com nós nesse tempo.<sup>20</sup>

O relato do Sr. Manoel nos trás dois pontos importantíssimos além do relato repleto de detalhes e ponto cruciais sobre a cheia, o primeiro, é sobre o povoamento do morro da Aerolândia, é relevante saber que o povoamento daquele morro se deu a partir do episódio da cheia, mesmo que já houvessem poucas residências no local, o ápice do povoamento, ocorreu por conta dos danos causados aos munícipes após a enchente de 1960, as pessoas subiram o morro para fugir da enchente e construíram residências ali, temendo novas perdas por novos episódios de cheias do

---

<sup>19</sup> Duarte, op. Cit.

<sup>20</sup> Silva, Manoel Gomes da. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires. Picos, 2016

rio. O segundo ponto, trata das notícias, e da lentidão com que elas chegavam à população, o Sr. Manoel nos relata em seu depoimento, que quando ficou sabendo da cheia do rio, já era “tarde demais”, esse trecho nos faz pensar na deficiência e na limitação dos meios de comunicação da época.

## **1.2 Braço forte, mão amiga: A chegada do 3º BEC à cidade de Picos.**

### 1.2.1 Situação política em 1970.

Nos anos de 1964 a 1985, as forças armadas assumiram o controle político no Brasil, no período que ficou conhecido como Regime Civil/Militar e/ou Ditadura Civil/Militar, tendo como principal característica o autoritarismo dos governos militares.

A transferência do 3º Batalhão de Engenharia de Construção para a cidade de Picos ocorreu no governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), período este que ficou conhecido como “anos de chumbo”, devido ao poder ditatorial e a violência repressiva contra as oposições, onde milhares de pessoas acusadas de insubordinar as leis instituídas pelo governo foram torturadas e mortas em todo o país.

O governo de Médici também foi marcado por um período de desenvolvimento econômico, que ficou conhecido como “milagre econômico”. Nessa mesma época houve a reestruturação das forças armadas, com o desmembramento de unidades militares de suas sedes para outras regiões, e a transferência de alguns quartéis de uns Estados para outros, formando, assim, novos quartéis pelo Brasil. Um exemplo disso foi a instalação do 3º BEC na cidade de Picos-Piauí.

### 1.2.2 Terceiro batalhão de engenharia de construção

O Terceiro Batalhão de Engenharia de Construção (3º BEC), unidade da arma de engenharia do exército brasileiro, originou-se em 1942, da criação do Terceiro Batalhão Ferroviário. Em 1957, o 3º Batalhão Ferroviário foi extinto, sendo, por

consequente, criado o 3º Batalhão de Engenharia de Construção com sede na cidade de Natal-RN, sendo, posteriormente, transferido para a cidade de Campina Grande-PB. Finalmente, por meio do decreto Nº 67.423 de 20 de outubro de 1970 a sede do Batalhão de Engenharia de Construção foi transferido para a cidade de Picos, no Piauí.<sup>21</sup>

Nos primeiros anos da década de 1970, Picos esteve presente nas conferências sobre o desenvolvimento do norte e nordeste do país, sendo importante para o crescimento dessa região, por ser escolhida como ponto de entroncamento da transamazônica no Nordeste.

A transamazônica é o prolongamento de duas estradas que já atendiam o Nordeste, a 230 e a 232, a primeira saindo de Cabedelo, cortando os estados da Paraíba e do Ceará vindo até Picos, e a segunda, saindo do Recife cortando todo o estado do Pernambuco para encontrar-se em Picos com a primeira.

No governo de Emílio Garrastazu Médici, foi criado o PIN (Programa de Integração nacional), que tinha como objetivo, integrar as regiões norte e nordeste ao restante do país.

Os planos de desenvolvimento do governo Médici, e dos governos militares como um todo, podem ser vistos com a seguinte função: ocupar os espaços vazios, fazendo proveito das dimensões continentais do país, e desenvolver, levar progresso para outras áreas sem comprometer os núcleos já desenvolvidos do território nacional.

Nesse período, o Brasil se transformou num verdadeiro canteiro de obras, como dito parágrafos acima, vários quartéis foram transferidos de sede a exemplo do que aconteceu com o 3º BEC, fazendo jus a frase “integrar para não entregar” na fala do presidente Castelo Branco nos primeiros anos de ditadura. Era fundamental aproximar a ditadura da população governada. Eram realizadas propagandas de grandes obras, grandes comemorações de apelo social, tudo para enraizar o sentimento do milagre econômico no coração do brasileiro.

---

<sup>21</sup><http://www.3bec.eb.mil.br/index.php/historico>

### 1.2.3 Picos, 3º BEC e a Transamazônica

Nesse cenário, Picos era escolhida para receber a unidade do exército brasileiro advinda da cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, por ser o entroncamento da transamazônica no Nordeste e o seu “marco zero” a instalação do 3º BEC na cidade foi justificada. No início houve divergências sobre o marco zero da transamazônica, principalmente entre os munícipes de Cabedelo onde se inicia a BR 230, contudo, tanto a BR 230, quanto a BR 232 saindo do Recife, se encontravam em Picos e até então eram apenas rodovias comuns, recebendo o nome de transamazônica a partir daquele ponto, sobre essa questão, o Sr. Aurélio Viana, senador pelo Movimento Democrático Brasileiro entre os anos de 1963 e 1971, falou no senado sobre fatos apresentados pelo jornalista Murilo Marroquim quando este comentava sobre a elevação dos preços de itens de primeira necessidade, fez o comentário sobre Picos sem verdadeiramente o marco zero da transamazônica:

...Em Picos no Piauí, em um tronco rodoviário onde realmente se inicia a transamazônica, o 1º Grupamento de Engenharia do Exército, dirige as frentes de trabalho, e está preferindo adquirir gêneros alimentícios à particulares e não a COBAL órgão do governo. Por quê? Porque - diz ele - os preços cobrados por particulares são mais baixos do que os exigidos pela COBAL...<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup><http://legis.senado.leg.br/diarios/PublicacoesOficiais>, Diário do Congresso Nacional, 18 de agosto de 1970.

3218 - Terça-feira 18 DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL (Seção II) Agosto de 1970

**EXPEDIENTE**  
SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

EVANDRO MENDES VIANNA  
SECRETÁRIO-GERAL DO SENADO FEDERAL  
WILSON MENEZES PEDROSA  
SUPERINTENDENTE

LENYR PEREIRA DA SILVA  
Chefe de Serviço Administrativo  
MAURO GOMES DE ARAÚJO  
Chefe de Serviço Industrial

NELSON CLEOMENIS BOTELHO  
Chefe de Serviço de Redação

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL  
SEÇÃO II

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

**ASSINATURAS**

Via Superfície:	Via Aérea:
Semestre ..... Cr\$ 20,00	Semestre ..... Cr\$ 40,00
Ano ..... Cr\$ 40,00	Ano ..... Cr\$ 80,00

O preço do exemplar atrasado será acrescido de Cr\$ 0,02

Tiragem: 15.000 exemplares

O Sr. José Ernânio — Permite V. Ex. um aparte?

O SR. AURELIO VIANNA — Com grande prazer.

O Sr. José Ernânio — V. Ex. está focalizando assunto da mais alta importância. Foram afetadas, nesta seca, menor que a de 1956, mais de sete milhões de pessoas. São declarações do Superintendente da SUDENE, prestadas quando estivemos em Recife. Por aí se pode avaliar a situação difícil em que se encontra o Nordeste.

O SR. AURELIO VIANNA — É uma informação preciosa que V. Ex. nos traz: sete milhões de pessoas que antes das secas e do dilúvio se encontravam em situação difícil e agora quase catastrófica. Os empresários não encontram uma saída: estão, também, sendo vítimas da catástrofe. O Governo, assumindo compromissos dos quais não pode fugir, visando ao desenvolvimento do País, criando fontes de sustentação para a população que hoje existe e para aquela população que está surgindo, exigindo trabalho para viver e sobreviver. E os gêneros de primeira necessidade subindo de preços.

Se aqui sobem numa velocidade maior do que o aumento salarial, muito mais no Nordeste. Se aqui um quilo de café, que há quatro meses custava Cr\$ 1,80, está custando, agora, pelas estatísticas de dez dias passados, Cr\$ 2,30; se um quilo de carne verde custava, há quatro meses, Cr\$ 3,40 e agora custa Cr\$ 4,50, no Nordeste muito mais; se um quilo de carne seca custava Cr\$ 4,50 e agora custa Cr\$ 6,20; se um quilo de feijão custava Cr\$ 1,10 há quatro meses, agora está custando, em Brasília, Cr\$ 1,90; se um quilo de macarrão custava, há 4 meses, Cr\$ 3,50, agora está custando Cr\$ 6,00; um quilo de feijão Cr\$ 3,50, agora Cr\$ 6,00; de badejo Cr\$ 3,50, agora Cr\$ 6,00, de farinha, que é considerado peixe de pobre, Cr\$ 2,50, agora Cr\$ 6,00 e assim por diante; se aqui é assim, no Nordeste o preço dessas utilidades é muito maior e lá o salário é muito menor.

Dem, eu não duvido que a situação econômica do Brasil seja boa. Não duvido! Quem sou eu para duvidar das estatísticas que nos são apresentadas dia após dia! Mas que este quadro é verdadeiro, ninguém o contesta. Amanhã, se Deus quiser, vou desdobrar um

estudo mais profundo sobre o problema dos salários e dos assalariados do Brasil. E como fiquei impressionado com o estudo feito, tenho a impressão de que outros vão se interessar pelo problema, que é de uma realidade fronte, que chama nos Céus e que deve nos levar a uma preocupação muito mais profunda pelo problema da alimentação humana, da habitação humana, do vestuário humano, da educação do nosso povo.

Sr. Presidente, continuando, para terminar: o jornalista Murilo Marroquin que, com essa plêiade de novos jornalistas, nos quais nos baseamos para comentários deste país, apresenta fatos, genuinamente, verdadeiramente, contraditórios.

Diz ele que, em Picos, no Piauí, num tronco rodoviário onde realmente se inicia a Transamazônica, o 1.º Grupoamento de Engenharia do Exército dirige as frentes de trabalho e está preferindo adquirir gêneros alimentícios a particulares e não à COBAL, órgão do Governo. Por que? — Porque — diz ele — os preços cobrados pelos particulares são mais baixos que os exigidos pela COBAL; que os doações que o

Imagem 04: Diário do Congresso Nacional, 18 de agosto de 1970

Fonte: <http://legis.senado.leg.br/diarios/PublicacoesOficiais>

A imagem acima é do diário do congresso nacional de 18 de agosto de 1970, e traz um comentário do Senador Aurélio Viana, sobre a “frente de trabalho” em Picos-PI do 1º grupamento de engenharia e construção, a qual é subordinado o 3º batalhão de engenharia e construção. Mais tarde foi possível entender que se tratava de uma comitiva supervisionando a possível sede do 3º BEC como veremos no tópico a seguir.

#### 1.2.4 A doação do terreno para construção do Batalhão

Na verdade, em agosto de 1970, ainda não havia frentes de serviço trabalhando na transamazônica em Picos, o que houve entre os dias 11 e 15 de agosto do mesmo ano, foi uma comitiva formada por oficiais do escalão superior que veio a Picos, com o intuito de avaliar a cidade como provável sede para o 3º BEC foi analisada, a geografia, situação econômica, além do local que seria doado para instalação da unidade, conforme registro histórico do batalhão:

Este Comando realizou, no período de 11 a 15 de agosto, [com] uma viagem de reconhecimento à cidade de PICOS, tendo em vista a próxima mudança da sede do Batalhão de Natal para aquela cidade. Durante aquela foram reconhecidos diversos itinerários, bem como foram estudadas as condições sócio-econômicas da região, além de terem sido mantidos contatos para doação do futuro local aquartelamento por parte do Governo do Piauí. (REGISTRO HISTÓRICO, 1970: 04).<sup>23</sup>

Sobre a doação do terreno para a construção do 3º BEC, ocorreram alguns desentendimentos acerca da autoria do projeto de lei que abriria crédito para a compra do local onde seria construído o quartel, como dito por Elierson Moura e Francisco Nascimento<sup>24</sup> em seu trabalho:

[...] no expediente consta apresentação de projeto. O de nº 33 que fica aberto no orçamento vigente o crédito especial de Cr\$ 12.000,00 para ocorrer o pagamento das despesas referentes à aquisição de um terreno destinado à construção do Quartel do IIIº Batalhão de Engenharia de Construção na cidade de Picos, da autoria do Sr. vereador Djalma Pereira Nunes [...]<sup>25</sup>

Na seção seguinte, o mesmo vereador retificou seu pedido de autoria, explicando ser do Sr. Francisco Bezerra, conhecido como “Chico de Júlio” vice-

<sup>23</sup>REGISTRO Histórico do 3º Batalhão de Engenharia de Construção. Tomo V. p. 4, 1970.

<sup>24</sup> MOURA, José Elierson de Sousa e NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. “UMA CIDADE ESTRANHA”: a instalação do 3º BEC e as produções de sentidos sobre a cidade de Picos durante a década de 1970.

<sup>25</sup> Registro histórico, Câmara de vereadores de Picos - PI, 1970: Pag. 117



prefeito da época, que assumiu a prefeitura beneficiado pela renúncia de Oscar Neiva Eulálio, a autoria do projeto de lei<sup>26</sup>:

[...] nos termos do Regimento, que V. Excia. mande retificar a Ata da 25ª Sessão da 6ª Legislatura na parte que diz “o de nº 33 que fica aberto no orçamento vigente o crédito especial de Cr\$ 12.000,00 para ocorrer com o pagamento das despesas referentes à aquisição de um terreno destinado à construção do Quartel do IIIº Batalhão de Engenharia de Construção na cidade de Picos, da autoria do Sr. Vereador Djalma Pereira Nunes”. Com efeito, tal retificação se impõe, pois não apresentei projeto de lei de nº33. O referido projeto foi da autoria do Sr. Prefeito Municipal, que é quem tem competência para apresentar projeto de tal natureza. O que fiz foi apresentar uma emenda que se constitui num Substitutivo ao projeto de lei de nº 33 do Sr. Prefeito Municipal, que veio a ser aprovada tal como me era lícito propôr. Requeiro ainda que êste pedido de retificação seja fielmente transcrito e fique para todos os efeitos fazendo parte integrante da Ata da 25ª Sessão da 6ª Legislatura [...]”<sup>27</sup>

O que levou o vereador a requerer a autoria do projeto de lei, e logo depois retificar o requerimento nos é desconhecido, possivelmente o fato de o ocorrido ter tomado proporções que ele não imaginava, uma vez que Picos era no momento uma das cidades mais assistidas do território nacional, por sua localização geográfica, estava prestes a receber uma enorme malha rodoviária, além disso, está recebendo uma unidade do exército brasileiro, ou, talvez, por conta de o verdadeiro autor do projeto, ter reclamado para ele a sua autoria.

O fato, é que depois de todo o imbróglio causado pelo vereador Djalma, o terreno foi doado ao Ministério do Exército, para a construção das instalações do 3º BEC em Picos<sup>28</sup>:

Faço saber a todos os habitantes do Município que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte lei. Art. 1º - Fica o Chefe do Executivo Municipal autorizado a desapropriar amigavelmente e até Cr\$ 60.000.00 (sessenta mil cruzeiros), um terreno de propriedade do cidadão José de Moura Monteiro, medindo 1.000 metros de frente por 1.000 metros de fundos, à margem da BR. 316, na área denominada “UNHA DE GATO”, da

<sup>26</sup> MOURA, José Elierson de Sousa e NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. “UMA CIDADE ESTRANHA”: a instalação do 3º BEC e as produções de sentidos sobre a cidade de Picos durante a década de 1970.

<sup>27</sup> Registro histórico, Câmara de vereadores de Picos - PI, 1970: Pag. 119

<sup>28</sup> MOURA, José Elierson de Sousa e NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. “UMA CIDADE ESTRANHA”: a instalação do 3º BEC e as produções de sentidos sobre a cidade de Picos durante a década de 1970.

Fazenda Sussuapara dêste município, para doação ao Ministério do Exército e para construção da vila Militar e quartel do 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção).

§ 1º - O pagamento da desapropriação autorizada no Art. 1º desta lei, correrá por contada do Estado do Piauí e Prefeitura Municipal, (crédito aberto pela lei nº 792, de 31/12/970), da seguinte forma:

Govêrno do Estado..... Cr\$ 48.000,00

Prefeitura Muncipal..... Cr\$ 12.000,00

Art. 2º - Fica igualmente o Chefe do Executivo Municipal autorizado a assinar com o Estado do Piauí, convênio de valor de Cr\$ 48.000,00 (quarenta e oito mil cruzeiros), para recebimento da cota parte dêste, como responsabilidade ao pagamento da quantia estipulada no § 1º. Art. 3º - Fica ainda o Chefe do Executivo Municipal, autorizado a doar ao Ministério do Exército, a área desapropriada.

Art. 4º - Revogadas as disposições em contrário a presente lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Gabinête do Prefeito Municipal de Picos, em 27 de janeiro de 1971<sup>29</sup>.

Pela a ata do projeto de lei acima, é possível analisar alguns pontos importantes, primeiro, o valor pago pelo terreno foi de sessenta mil cruzeiros, sendo que desses sessenta mil, 12 mil cruzeiros seriam arcados pelo governo municipal, e a maior parte do dinheiro, os 48 mil cruzeiros, saíam dos cofres do governo do estado. É possível ainda perceber o nome do proprietário do terreno, suas medidas, como também sua localização, vide ata, o terreno se encontrava às margens da BR 316, na Fazenda Sussuapara, em área denominada unha de gato, que tinha esse nome por ser aquela área tomada por enorme quantidade dessa planta medicinal, formada por cipós trepadores, cujo formato lembra a unha de um felino, daí o nome, unha de gato<sup>30</sup>. Possuía 1000 metros de fundo por 1000 metros de frente, e era de propriedade do Sr José de Moura Monteiro.

<sup>29</sup> Registro histórico, Câmara de vereadores de Picos - PI, 1970: 01

<sup>30</sup><https://www.tuasaude.com/unha-de-gato/>



Imagem 05: Local escolhido para a construção da sede do 3º BEC.

Fonte: Arquivo do 3º Batalhão de Engenharia de Construção

Na foto é possível ver um pouco abaixo do terreno a BR 316, ainda não pavimentada, e sem o volumoso fluxo de veículos característico dos dias de hoje, a foto trás ainda os morros localizados próximos onde hoje conhecemos como bairro Umarí, depois do bairro Ipueiras, e o pequeno morro da ponta d'água, conhecido também como morrinho das crianças, por ser o local onde algumas crianças do bairro junco e redondezas foram enterradas décadas atrás, localizado próximo ao bairro jardim natal. O projeto de lei de nº 40, em análise conjunta com a foto acima, nos trás ainda a informação de que o local denominado unha de gato, encontrava-se na área rural da cidade de Picos. Somente em 1971, o prefeito Antônio de Barros Araújo, vencedor das eleições de 1970, lançou o projeto de lei de nº 6, integrando o local unha de gato ao espaço urbano da cidade<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> MOURA, José Elierson de Sousa e NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. "UMA CIDADE ESTRANHA": a instalação do 3º BEC e as produções de sentidos sobre a cidade de Picos durante a década de 1970.

### 1.2.5 Mudança de cenário, a saída do 3º BEC de Natal-RN rumo a Picos - PI

A transferência de sua sede inicial para a nova sede em Picos foi um marco na história da instituição, o batalhão deixou um vazio enorme na cidade de Natal, onde ficava a sede do batalhão, como também na cidade de Lajes – RN onde estava localizada a 2ª Companhia de Engenharia de Construção no momento da transferência, estrutura, empregos, além do dinheiro que o batalhão fazia circular nas cidades e regiões circunvizinhas.

Situação que pôde ser parcialmente sentida por nós picoenses quando no ano de 2014, ocorreram os boatos sobre a transferência de local do 3º BEC de Picos para uma cidade no estado do Tocantins, na época, algumas razões justificavam essa transferência, eram elas: falta de obras para que o batalhão operasse por Picos e região nordeste, o Piauí ser o único estado da federação a contar com dois batalhões de engenharia e mais um batalhão de infantaria, totalizando três unidades do exército, por ser o estado do Tocantins o único da federação a não possuir um batalhão do exército, e pela necessidade do estado do Tocantins em contar com essa ajuda federal, uma vez que o mesmo é também um estado mais pobre do que o estado do Piauí. Nesse período, o picoense viveu tempos de uma enorme angústia, o 3º BEC faz parte do cotidiano do picoense, injeta cerca de 4 milhões de reais mensais na economia municipal, gera cerca de 600 empregos/ano e dele todos os mercados do município retiram uma fatia, mercado imobiliário, atacado, varejo, construção, automóveis, mecânica, enfim, seria uma perda irreparável para a sociedade picoense.

O parágrafo acima pretende dar um sentido de comparação ao que aconteceu com as cidades de Natal – RN e Lajes - RN, no período de saída do 3º BEC, felizmente para nós picoenses, a saída do batalhão do nosso município ficou apenas nos boatos, infelizmente para os munícipes das duas cidades do Rio Grande do Norte, a história foi diferente, a mudança se concretizou, além das perdas financeiras causadas por uma mudança desse porte, fica o vazio deixado no coração dos familiares e amigos, uma vez que além do maquinário e equipamentos trazidos para Picos, o material humano deixou para trás parentes, vizinhos, amigos,

relacionamentos, sobre esse acontecimento o Sr. Severino Pires, funcionário do batalhão que veio transferido juntamente com o 3º BEC para Picos, contou que:

Pois bem, nossa vinda pra cá pra Picos foi um pouco atribulada, ninguém acreditava muito que a mudança ia acontecer não, lá no Rio Grande (RN) as pessoas só acreditaram mesmo quando o batalhão começou a arrumar as coisas para a viagem. Nós lá nunca tínhamos ouvido falar em Picos, até que começaram com o converseiro sobre a mudança. Ai um dia, numa formatura, o comandante juntou todo o batalhão, militares, civis, todo mundo e deu a noticia de que o batalhão ia ser transferido para a cidade de Picos, lêu a portaria e tudo, ai foi que nós acreditamos de verdade, [...]ai ele falou também que quem não quisesse ir, era só pedir dispensa, mas veio muita gente, lá não tinha muito emprego não, o pessoal ia ficar lá fazendo o que? Se onde tinha emprego era no batalhão e o batalhão tava indo embora, eu mesmo tinha arranjado esse emprego no quartel através do meu irmão Chico que trabalhava lá na 2ª CIA que ficava em Riachuelo - RN, ai depois esse mesma CIA foi pra Lajes – RN, a gente era carpinteiro<sup>32</sup>



Imagem 06: O 3º BEC no momento da partida para a cidade de Picos

Fonte: Arquivo do 3º Batalhão de Engenharia de Construção

---

<sup>32</sup> PIRES, Severino Ramos. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2011



Imagem 07: Capitão Natan comanda a frota por terra. Teve despedida do coronel Eliano Moreira

Fonte: Arquivo do 3º Batalhão de Engenharia de Construção

As fotografias acima, retratam o momento da saída da comitiva do 3º BEC de Natal com destino a Picos, sua nova sede, é possível identificar na fotografia número 2, alguns familiares e curiosos que estiveram nesse momento histórico, segundo depoimento do Sr. Severino, a despedida de Lajes – RN onde se encontrava a 2ª Companhia, foi da seguinte forma:

[...] na hora de sair de Lajes, as famílias da gente foram tudo pra lá, amigos, uns “cumpades” da gente, uns vizinhos, tinha gente demais lá, foi um chorô sem fim rapaz, era mulher chorando, menino chorando, logo nós naquele tempo tinha muito filho, foram todos se despedir, por que nós trabalhava lá, viemos primeiro, pra poder reconhecer a cidade, procurar casa pra morar, e começar a construir o batalhão, [...] nós viemos na frente e só dois meses depois foi que as famílias da gente vieram. Foi uma perda grande pra cidade lá, tinha muita gente que dependia do batalhão, tinha umas pessoas que tinham umas “budegas”<sup>33</sup> ao redor lá da companhia que

<sup>33</sup>**bodega** (forma correta de escrever) é um pequeno armazém de secos e molhados. É ainda um estabelecimento comercial onde são vendidas refeições e bebida alcoólicas, uma espécie de taberna. <https://www.significados.com.br/bodega/>

choravam muito, por que era dali que eles retiravam o sustento da família, nossa família era toda de lá, mamãe ficou lá, com uns irmãos, até hoje tem muita gente nossa lá, principalmente em Caiçara – RN, Lajes – RN, João Câmara – RN, nós tem família em todo canto por lá.<sup>34</sup>

O depoimento do Sr. Severino nos instiga a buscar entender esse sentimento de perda que tomou conta dos munícipes de Natal e de Lajes. Atrelado a esse sentimento de saudade enraizado na fala do Sr. Severino, é perceptível o carinho e a saudade quando ele fala da sua terra, ele e a família vieram de Lajes -RN, com ele, além do irmão Francisco Pires que também era funcionário do 3º BEC e a família, vieram os filhos Alberto, Mario (Esses dois vieram junto com o Sr Severino, no primeiros deslocamento do quartel), Laercio, Hélio, Gutemberg, Hildebrando, Célia e Fátima, vieram juntamente com a 2ª esposa do Sr. Severino, Dona Inês dois meses depois de sua chegada no Piauí, em Picos nasceram mais duas filhas do 2º casamento, Alessandra e Itânia que junto com Gutemberg e Hildebrando formam os quatro filhos do 2º casamento. Em Picos também nasceram os netos do Sr. Severino, dentre eles o autor que vos escreve.

O comando do batalhão também expressou em nota, seu sentimento de tristeza por ver o batalhão deixar o solo natalense, tristeza essa só compensada pela certeza do cumprimento da missão em Picos, segue registro histórico:

[...] No setor de apoio ao desenvolvimento regional, o 3º BEC deixa neste Estado a lembrança de sua eficiência operativa como Unidade de construção, marcada indelevelmente no território Norte Rio grandense através dos 420 quilômetros de rodovias construídas, 378 quilômetros de pavimentadas, 52 quilômetros de ferrovias implantadas, 827 casas populares construídas em convênio com o Banco Nacional da Habitação, 22 poços perfurados e pelo atendimento a milhares de flagelados nas frentes de trabalho. Por todos êsses excepcionais méritos, êste Cmdo interpretando os sentimentos de tôda Guarnição e da família militar natalense, expressa aos Cmt, Oficiais, Subtenentes, Sargentos, Cabos e Soldados do BEC, as manifestações de sua tristeza ao vê-los partir, tristeza só compensada pela certeza que temos de que em sua nova missão em Picos, integrado na tarefa pioneira de abrir a Transamazônica, o 3º BEC continuará com o mesmo entusiasmo e eficiência a servir à causa do engrandecimento do Exército e do Brasil".<sup>35</sup>

<sup>34</sup> PIRES, Severino Ramos. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2011

<sup>35</sup>REGISTRO Histórico do 3º Batalhão de Engenharia de Construção. 1971. 02

O registro histórico acima nos mostra que o sentimento de tristeza que permeou os corações dos potiguás pela partida do batalhão, era compartilhado pelo comando do 3º BEC, o registro deixa claro ainda, a principal função da vinda do batalhão para terras Piauienses, abrir a transamazônica.

A viagem de Natal para Picos foi feita em comitivas, primeiro, como dito anteriormente, vieram os militares e funcionários do 3º BEC, buscar moradias e deixar o “terreno” pronto para a vinda das famílias, na segunda comitiva, vieram os familiares. Sobre essa viagem, Francisco Hélio, filho do Sr. Severino, então com 14 anos de idade, nos fala que:

Foi uma viagem difícil e demorada, pegamos um monte de estrada carroçal,<sup>36</sup>[...]as vezes os carros quebravam ai parava todo mundo, vinha um monte de ônibus trazendo as famílias, e uns caminhões trazendo a mudança, a gente trouxe pouca coisa, armário, guarda roupa, essas coisas de moveis, [...] lembro bem da viagem, a gente era novo num sentia muita coisa, mas quando dava o sono nós deitava no chão do ônibus, eu tinha 13 anos quando saímos de Lajes<sup>37</sup>

Quando o 3º BEC chegou a Picos, primeiramente foi construída a 1ª Companhia de Engenharia de Construção, instalada onde hoje é o prédio do CTD (Centro de Treinamento Diocesano), lá cumpriam expediente os oficiais do estado maior, e alguns outros militares, além de alguns servidores civis, de lá coordenavam as operações para a construção da sede do batalhão. O restante da tropa ficava onde é hoje o prédio da EMATER-PI, lá ficava a 2ª Companhia, no bairro junco.

---

<sup>36</sup>São estradas de terra, barro, areia e pedra.<http://www.dicionarioinformal.com.br/carro%C3%A7ais/>

<sup>37</sup>PIRES, Francisco Hélio. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2017





Imagem 08: 1ª Companhia de Engenharia de Construção, onde eram articuladas as diretrizes para a nova sede em Picos-PI

Fonte: Arquivo do 3º Batalhão de Engenharia de Construção



Imagem 09: Construção do prédio do 3º BEC

Fonte: Arquivo do 3º Batalhão de Engenharia de Construção

Na fotografia acima, é possível visualizar já um pouco avançadas as construções das instalações do 3º BEC, diferente da fotografia nº3, onde apenas o terreno aparece, nessa já é possível se ter uma ideia de estrutura. Os morros mencionados no comentário sobre a fotografia nº3 também aparecem nessa imagem, o morro da Ponta D'água e o morro do Umarí em segundo e terceiro planos consecutivamente.

Na fotografia seguinte o esboço do que é hoje a entrada do 3º BEC já nos é bem visível e identificável, em primeiro plano o tradicional castelo da engenharia, construído no morro da caixa d'água, localizado em frente ao batalhão, em segundo plano, as vias de entrada e saída divididas por um canteiro central, como ainda hoje é, ao fundo o portão das armas onde fica localizada a guarda do quartel, e mais ao fundo ainda, o comando, na extrema direita a Companhia de Comando de Apoio, e na extrema esquerda a Companhia de Equipamento e Manutenção.



Imagem 10: Imagem da entrada do 3º BEC

Fonte: Arquivo do 3º Batalhão de Engenharia de Construção

## 2 Picos no limiar da pós-modernidade: migrações, mídias, subjetividades e sensibilidades

O segundo capítulo desse trabalho monográfico aborda as mudanças ocorridas na sociedade picoense a partir da migração de gentílicos norte rio grandenses, como também de outras cidades do Nordeste que vieram para Picos. Abordaremos também as influências midiáticas (cinema, música, televisão, etc.) nos hábitos cotidianos e sociabilidades da cidade, mudanças inadiáveis para uma sociedade que ansiava por desenvolvimento. Cabe aqui perceber como os espaços de sociabilidade eram afetados, os nomes, maneiras de se vestir, os costumes, hábitos, a mistura causada pelo encontro de diferentes culturas, costumes e tradições.

A partir de 1970, muitas mudanças ocorreram em terras piauienses, e em Picos não foi diferente, alguns acontecimentos no Brasil e no mundo contribuíram para que fosse essa uma década marcante para a cidade.

Como veremos a seguir, a partir de 1970 Picos recebe um número muito grande de migrantes vindos das mais diversas partes do país, principalmente da região nordeste conforme dados do IBGE, o número de migrantes entre os anos de 1970 e 1980 quase triplicou em relação aos migrantes entre os anos de 1960 e 1970, é possível também perceber que o estado do Ceará concentra a maior parte desses migrantes, seguido do Rio Grande do Norte e Pernambuco respectivamente. As dificuldades encontradas por esses migrantes em seus estados de origem impulsionaram esse movimento migratório, sobre essas dificuldades, Klédison Lima Pires, em seu trabalho nos fala que:

“A falta de chuva associada a medidas tomadas pelo governo militar para amenizar esse problema, como é o caso das frentes de serviço da emergência, às quais o governo lançou a construção de rodovias ligando as capitais e principais cidades do Nordeste ao sertão seco, utilizando para esse fim mão-de-obra das populações do semiárido nordestino, nos períodos de crise, diminuindo a dependência desses aos programas sociais.”<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> PIRES, Klédison de Lima. Memórias e outras histórias: as migrações para a cidade de Picos na década de 1970. 2013

**TABELA 1 - Estados de origem e respectivo número de migrantes transferidos para Picos entre 1960 e 1970**

<b>ESTADOS</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>	<b>TOTAL</b>
Acre	1	0	1
Amazonas	2	1	3
Para	6	8	14
Amapá	1	2	3
Maranhão	63	90	153
Ceará	396	360	756
Rio Grande do Norte	47	52	99
Paraíba	121	95	216
Pernambuco	246	248	496
Alagoas	12	11	23
Sergipe	8	4	12
Bahia	15	15	30
Minas Gerais	1	0	1
Espirito Santo	2	0	2
Rio de Janeiro	0	3	3
Guanabara	2	1	3
São Paulo	25	21	46
Paraná	5	1	6
Rio Grande do Sul	0	1	1
Goiás	5	6	11
Distrito Federal	1	2	3
<b>TOTAL</b>			<b>1.882</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 1970 Org: Montelo, Jossé

**TABELA 2 - Estados de origem e respectivo número de migrantes transferidos para Picos entre 1970 e 1980**

<b>ESTADOS</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>	<b>TOTAL</b>
Acre	7	3	10
Amazonas	3	10	13
Roraima	3	3	6
Maranhão	154	187	341
Ceará	902	864	1766
Rio Grande do Norte	514	466	980
Paraíba	461	236	225
Pernambuco	481	496	977
Alagoas	21	41	62
Sergipe	0	6	6
Bahia	66	83	149
Minas Gerais	7	6	13
Rio de Janeiro	19	36	55
São Paulo	104	104	208
Paraná	9	9	18
Santa Catarina	5	4	9
Rio Grande do Sul	15	20	35
Goiás	18	18	36
<b>TOTAL</b>			<b>4.931</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 1980 Org: Montelo, Jossé

Interessante observar que os migrantes vindos de outros estados, principalmente da região Nordeste, não foram trazidos para Picos com o 3º Batalhão de Engenharia e Construção a exemplo do que aconteceu com os migrantes norte rio grandenses, que eram em sua maioria funcionários e familiares de funcionários. Os demais estados foram movidos pela oportunidade de ingressar em frentes de serviço lançadas pelo governo, e Picos se tornaria uma dessas frentes, Andrade (1986) afirma que, “a vantagem dessa política é que dava trabalho aos sertanejos na própria área seca, evitando que eles se deslocassem para o litoral e congestionassem as grandes cidades, ameaçando-as de saques, de doenças e de dificuldades de abastecimento.”<sup>39</sup>

O capítulo irá se ater aos gentílicos norte rio grandeses que migraram para a cidade de Picos juntamente com o 3º Batalhão de Engenharia e Construção, os efeitos da chegada desses gentílicos será relatado no tópico a seguir.

## **2.1 Chegada a Picos, primeiras impressões**

A chegada a Picos provocou sensações diferentes nos migrantes norte rio grandeses que desembarcaram na cidade trazidos por ônibus do 3º BEC responsável pelo transporte das famílias, alguns acharam a cidade feia, outros a acharam ruim, para poucos a expectativa foi superada, é sabido que Natal juntamente com grande parte das cidades interioranas do Rio Grande do Norte, sobretudo as que foram sedes de companhias do 3º BEC, já haviam experimentado o desenvolvimento, agregado aos serviços prestados pelo exército, pavimentação de estradas, construção de pontes, escavação de poços, construção de casas, construção de rodovias, tudo isso por si só, já é desenvolvimento, e aliado a infraestrutura, novas empresas são atraídas, nascem novos empregos, com isso, ocorre o progresso. Picos experimentaria isso pela primeira vez, o que os migrantes viram quando desembarcaram, foi uma cidade que ansiava por desenvolvimento.

---

<sup>39</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. **A intervenção do Estado e a seca no Nordeste do Brasil.** Revista de Economia Política, vol. 6, nº 4, 1986. p. 127.

Sobre isso, o Sr. Mario, um dos filhos do Sr. Severino e que veio juntamente com ele na primeira comitiva, nos fala que:

A cidade era atrasada, nós já sabíamos que a cidade era atrasada. Ela foi crescendo quando o quartel veio pra cá (...) a cidade totalmente não tinha asfalto, ninguém sabia o que era asfalto, as estradas era tudo carroçal, quando eles (3º BEC) começaram a trabalhar nessa avenida que passa ali (BR 316) eles botaram um óleo depois que foi feita a compactação ai o povo ficava dizendo que Picos já tinha asfalto. (...) no Junco não tinha nada, nem luz tinha. O mercado não tinha, era uma palhoça, o mercado era na cidade (centro), a água que era encanada aqui só era para cidade (centro) e aqui no Junco não tinha água encanada a gente pegava água na CIBRAZEM<sup>40</sup> e também num chafariz que ficava num terreno ali do lado do colégio Miguel Lidiano e outro que fica perto da casa do cumpade Chico, perto ali da praça. Não tinha energia elétrica, tinha numas ruas do centro e outras não tinha, nas avenidas e no Junco não tinha.<sup>41</sup>

A Sra. Inês Pires, que veio para Picos dois meses depois da chegada do seu marido o Sr. Severino à cidade, nos relatou que:

[...]Os homens vieram na frente né? Pra arranjar casa, e começar na construção do quartel e de outras coisa ai meu filho, isso foi em 71, ai dois meses depois ele foi buscar a gente, [...] é, deixa eu vê, é, foi dois meses mesmo, foi [...] ai ele foi buscar a gente, ai era assim, ficava as famílias lá se organizando ai quando completava a lotação do ônibus, embarcava e vinha, ai vinha as mudanças nuns caminhões. [...] Ai a gente vinha se ajeitando dentro dos ônibus né? Armava rede pros meninos pequenos, foi divertido, eu achei foi divertida a viagem, foi um dia e uma noite de viagem, eu acho que foi isso [...] ai lá o povo ficava triste, por que assim, sabe né? Toda vez que chegava uns ônibus era por que tava indo buscar gente né? Ai as pessoas iam se despedir.<sup>42</sup>

Sobre o impacto com a primeira impressão da cidade o Sr Hélio Pires, nos falou:

[...] eu lembro direitim quando a gente chegou ali na divisa (PI/CE) um frio danado, era umas 7 horas da manhã, a gente procurando café pra tomar e num tinha ninguém pra vender, tudo escondido do frio, ai quando chegamos aqui em Picos eu acho que era umas 10 horas da manhã, uma estrada de terra batida, uma poeira danada [...] o ônibus deixou nós ali onde é hoje o

<sup>40</sup> A partir da Lei Delegada nº 06 de 26 de setembro de 1962 foi criada a COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos), e da Lei Delegada nº 07 da mesma data foi criada a CIBRAZEM (Companhia Brasileira de Armazenamento).

<sup>41</sup> PIRES, Sebastião Mario. Depoimento concedido a Klédison de Lima Pires, Picos, 2014.

<sup>42</sup> PIRES, Inês Ilma da Cruz. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2016.

Posto Papai Noel, e ai nós fomos pra casa que papai tinha alugado, ali bem na beira da BR (BR 316) de frente a onde é hoje o Posto Nacional, nós chegamos primeiro e o caminhão da mudança chegou depois, umas horas depois, a mudança da gente num era muita coisa não, era só moveis, guarda roupa, cama, armário, essas coisas de eletrodoméstico ninguém tinha não, nem geladeira, mas também num tinha energia, aqui no junco não tinha não, lá no centro tinha energia, tinha um motor que funcionava das 6 horas da noite até 11 horas da noite, mas pra cá pro junco não tinha energia não, ali mesmo no junco tinha esses dois postos, algumas casas, casa até que tinha muita, mas tinha muito era curral, boi, e poeira, num tinha nada que chamasse atenção, a diversão nossa depois que descobrimos foi o rio. [...] A cidade era pequena, num tinha muita coisa não, o que tinha era a feira, e era só no sábado, num era todo dia como tem hoje não, agora a feira era grande, era feira de grãos e de verduras, fruta ninguém nem via, e a feira dos animais era na sexta feira, vinha gente de todo canto, tanto na feira da sexta como na feira do sábado.<sup>43</sup>

É possível sentir nos discursos acima, que a cidade era pouco atrativa, principalmente nos bairros longe do centro, não havia energia, não tinha água encanada, o bairro junco era constituído em sua grande parte de currais, haviam algumas casas, em sua maioria situadas as margens da BR que nessa época não era pavimentada, e os pontos onde se buscava água eram na CIBRAZEM e no rio, que posteriormente virou ponto para divertimento.

Para fazer um paralelo em relação aos depoimentos colhidos dos migrantes que vieram com o 3º BEC do Rio Grande do Norte para Picos, colhemos também o depoimento de uma cidadã natural da cidade de Picos, a fim de entender como foi vista essa vinda do batalhão para a cidade, sobre isso a Sr. Francisca Maria, filha do Sr Manoel, adolescente na época da chegada do 3º BEC nos disse que:

Nós nem ficamos sabendo que esse povo vinha pra cá, quando já tava perto de eles virem foi que saiu um comentário que ia vim um pessoal do Rio Grande do Norte pra cá, diziam assim: “vai chegar uma construção aqui e vai pegar um monte de homens”, foi isso que eu soube, ai disse que era o 3º BEC lá de Natal do Rio Grande do Norte. [...] Ai teve umas pessoas que passaram uma lista pegando o nome de um monte de homens pra trabalhar na construção, ai tudo que foi de homem colocou o nome pra trabalhar. [...] eu sei que eu comecei a ver o BEC do alicerce, mas era lá dentro lá nos fundos, num era aqui perto da BR não. [...] ai quando chegaram mesmo que a gente começou a ver as pessoas, as filhas dos sargentos, a gente

---

<sup>43</sup> PIRES, Francisco Hélio. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2017

“mangava”<sup>44</sup> muito do jeito delas falarem, e elas mangavam da gente, o jeito de falar era diferente. [...] a gente achava estranho também por que eles comiam cuscuz na janta, a gente aqui não comia cuscuz na janta não só café de manhã, e esse negocio de jantar café...nããã, a gente achava estranho por aqui nós comia muito era arroz, almoço, jantar, era arroz, feijão<sup>45</sup>

O depoimento de Francisca Maria é pertinente para se perceber as diferenças de percepção entre os que chegavam, e os que viram a chegada. Importante entender como os munícipes de Picos receberam a notícia da vinda de trabalhadores para a cidade de Picos, e posteriormente, do Batalhão de Engenharia de Construção. É importante também salientar que a comunicação era falha, e que esse tipo de notícia era disseminada boca a boca, e com isso, na grande maioria das vezes, a notícia saía de uma forma do emissor, e chegava diferente no receptor. Pertinente também, o choque cultural percebido no falar, no comer, no vestir, na forma de agir, apesar de serem duas regiões do nordeste brasileiro, ambas possuem suas diferenças culturais marcantes.

2.1.1 Diferenças de costumes e tradições entre os que chegavam e os que aqui estavam.

Desde sua fundação, Picos se formava sobre um discurso católico conservador fortíssimo, a cidade era muito tradicionalista e pautava seus costumes e comportamentos nos preceitos cristãos. Era comum encontrar nas casas das famílias picoenses um espaço reservado aos oratórios, onde se guardavam várias imagens de santos, a bíblia e algumas rezas escritas em pedaços de papel ou em um caderno. Era comum também encontrar quadros com reproduções da última ceia<sup>46</sup> e com imagem do coração de Jesus nas paredes da casa, ainda é possível e nada incomum encontrar na cidade casas repletas de itens que remetem às

<sup>44</sup>Mangava vem do verbo mangar. O mesmo que: debochava, escarnecia, mamparreava, troçava, zombava. <https://www.dicio.com.br/mangava/>

<sup>45</sup>PIRES, Francisca Maria da Silva. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2017

<sup>46</sup> <https://www.milan-museum.com/br/ultima-ceia.php>. A Última Ceia de Leonardo da Vinci (Cenáculo Vinciano) é uma das pinturas mais famosas do mundo, a obra foi pintada entre 1494 e 1498 sob o governo de Ludovico o Moro, e representa a última "ceia" de Jesus e seus apóstolos.



doutrinas do catolicismo, tendo em vista que a cidade permanece com uma maioria católica, mesmo que nas últimas décadas tenha havido cada vez mais o ingresso de cidadãos em novas religiões. Sobre esse assunto, Francisca Pires nos fala que:

Aqui era todo mundo muito religioso, ainda é né?! A gente levava e ainda leva religião muito a sério, essa juventude nova é que tem se desviado, mas os mais velhos, rum, eram quentes mesmo, toda missa era lotada, e todo mundo assistia a missa caladinho, até por que a missa era uma das poucas coisas que tinha pra fazer aqui. Em cada casa tinha um altarzinho que a gente chamava de oratório, quando ia uma visita na casa da gente, a gente mostrava a casa e o mais importante era mostrar o oratório, tinha de todo tamanho, tinha gente que tinha uns tão grandes que parecia um armário, tinha gente que fazia embutido na parede, eram lindos, aí as pessoas trocavam rezas, diziam “olha, essa reza é boa pra curar os animais” “essa é boa pra quando vai viajar”.<sup>47</sup>

No relato acima é pertinente a ênfase dada pela entrevistada sobre a religião ser praticada com fervor, interessante analisar que a entrevistada se refere ao catolicismo como “a religião” e não como “uma religião”, interessante ainda perceber na fala a questão sobre os oratórios, ainda tão presentes em algumas residências picoenses.

---

<sup>47</sup> PIRES, Francisca Maria da Silva. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2018



Imagem 11: Foto do Oratório presente na residência do Senhor Manoel Gomes da Silva

Fonte: Helder Leonardo da Silva Pires

Na imagem acima, podemos ver um exemplo disso, um oratório presente na casa do Sr. Manoel Gomes, várias imagens de santos, crucifixo, e papeis com orações em cima de uma cômoda, há ainda fotos do Padre Cícero e uma imagem do Frei Damião, para esses dois personagens, é necessário se fazer um destaque, tendo em vista que quando se fala em religiosidade e devoção não só em Picos como em todo nordeste, os dois são figuras quase unânimes na crença dos

nordestinos. Padre Cícero Romão Batista, conhecido popularmente como Padre Cícero ou Padim Ciço, foi um religioso católico que nasceu no Ceará e que viveu entre os séculos XIX e XX, tendo se tornado extremamente popular pela sua simpatia e seus feitos, o sacerdote é tido como um dos padroeiros do nordeste, além de representar uma das figuras históricas mais importantes da região, o prestígio do Padre Cícero cresceu amplamente no ano de 1889, ano em que um fato extraordinário aconteceu, segundo relatos, em uma tarefa habitual o padre entregou a hóstia à religiosa Maria de Araújo, a hóstia virou sangue na boca da mulher, isso surpreendeu muito a sociedade da época, de tal modo que o bispo de Fortaleza - CE enviou duas investigações para averiguar o caso, a primeira comissão presenciou as transformações atestando que eram de propriedade divina, a segunda comissão negou o milagre, o que prevaleceu. Como o padre não concordou com o veredito, protestou, o que foi visto como insubordinação pelo bispo, o superior suspendeu Cícero, que foi impedido de exercer as práticas comuns a um sacerdote, por não ter conseguido anular essa decisão o sacerdote ingressou na política vindo a ser prefeito de Juazeiro-CE, e eleito vice governador, cargo que não chegou a exercer, tendo falecido no dia 20 de julho de 1934 com 90 anos de idade<sup>48</sup>. Frei Damião nasceu em Bozzano, na Itália, em 5 de novembro de 1898. Aos 33 anos de idade, deixou o país europeu para ser missionário no Nordeste brasileiro. O religioso dedicou os 66 anos de vida no Brasil para percorrer as cidades nordestinas, realizar missas e orações e ouvir confissões. Ao frei são atribuídas muitas graças alcançadas e milagres. O frei morreu no dia 31 de maio de 1997, no Recife, após sofrer um AVC (acidente vascular cerebral). Seu enterro, também na capital pernambucana, foi marcado pelas demonstrações de fé de milhares de fiéis, que foram ao sepultamento para se despedir do "andarilho de Deus" como ficou conhecido. Depois de nove anos de pesquisa e relatos, o Vaticano recebeu a documentação para análise do processo de beatificação e canonização de frei Damião, considerado um verdadeiro santo por muitos nordestinos que continuam a reverenciar o religioso, a Igreja Católica vai investigar, a partir de agora, se há milagres comprovados atribuídos a frei Damião e, assim, declarar o religioso como santo oficialmente<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> <https://www.cademeusanto.com.br/padre-cicero/>

<sup>49</sup> <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/apos-nove-anos-processo-de-canonizacao-de-frei-damiao-chega-a-fase-final-no-vaticano.htm>

No intuito de analisar o que havia de diferenças na questão religiosa, entre os municípios de Picos e os que migraram vindos de outras cidades do nordeste para Picos-PI, ouvimos o relato de Francisco Hélio Pires, natural de Lajes-RN, posteriormente morador de Caiçara do Rio do Vento-RN onde passou a infância, vindo para Picos juntamente com sua família, uma vez que seu pai o Sr. Severino Pires, era funcionário do 3º BEC e veio para Picos a fim de construir o batalhão e aqui se estabelecer para trabalhar no mesmo. Sobre religiosidade o Sr. Hélio nos fala que:

No Rio Grande a religião era muito forte, quando nós chegamos aqui não percebemos muita diferença com o que se praticava aqui não. Mas tinham umas crenças populares que a gente lá não tinha não, lá na casa do meu sogro não podia entrar por uma porta e ir embora por outra, tinha que ir embora pela mesma porta que entrou quando chegou, por que fazia mal, tudo fazia mal, na hora do almoço criança comia por último, quando tava chovendo com relâmpago, ave Maria, ai era que era complicado mesmo, não podia conversar, tinha que cobrir os espelhos, se as mulheres tivessem com brinco tinha que cobrir a cabeça com um pano, não podia fazer barulho, era uma coisa chata, lá a gente tinha algumas, mas era aquelas de não passar debaixo de escada, gato preto, essas coisas.<sup>50</sup>

No relato do Sr. Hélio Pires é possível perceber semelhança no tocante a religiosidade, uma vez que no momento da entrevista, nada saltou à lembrança do entrevistado como diferença nas formas de viver a religião. O mesmo não podemos dizer quanto às crenças populares, ao que parece, Lajes e Caiçara no Rio Grande do Norte, cidade onde o Sr. Hélio Pires viveu antes da mudança para Picos-PI, circulavam crenças, digamos, mais conhecidas pelo Brasil, já as presenciadas pelo Sr. Hélio em Picos eram crenças particulares dessa região, por esse motivo o estranhamento ao vivencia-las.

Sobre outras diferenças além de religiosidade e crenças, o Sr. Hélio nos falou que:

Ah tinha umas coisa que a gente estranhava muito, o jeito de falar por exemplo, era um sotaque diferente demais do nosso, agora a gente falando

---

<sup>50</sup> PIRES, Francisco Hélio. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos-PI, 2018.

disso foi que eu percebi que a gente foi perdendo o sotaque sem nem perceber, hoje quando falo com meus parentes do Rio Grande é que vejo a diferença no nosso jeito de falar. O povo daqui tinha uns costumes diferentes, eles jantavam a mesma coisa do almoço, arroz, feijão, carne, nós não, a gente era acostumado a comer era cuscuz, pão, beiju, essas coisas na hora da janta, isso eu percebi que eles foram mudando quando foram convivendo com a gente, no quartel mesmo quando eu servi, tinha o jantar que era arroz, feijão e carne no comecinho da noite, 17:00hs, mas no finalzinho da noite tinha a ceia, ai era pão, beiju, cuscuz, bolo, café com leite, ai eu acho que como muitas pessoas de Picos e da região serviram o exército, foram levando esses costumes pra suas casas, eu sei que ai foram abrindo umas padarias, umas lanchonetes que só vendia bolo, eu sei que hoje tá do jeito que tá, toda esquina tem uma padaria.<sup>51</sup>

O texto descrito pelo Sr. Hélio, nos traz algumas inquietações interessantes, o jeito de falar dos norte rio grandenses que aqui se estabeleceram realmente tornou-se igual ao dos gentílicos picoenses, isso pôde ser percebido por esse entrevistador em todas as entrevistas realizadas com migrantes vindos daquele estado, é pertinente pensar que mesmo com todas as mudanças trazidas por esses migrantes, e toda influência exercida por eles na sociedade onde chegavam, não foi suficiente para manter um traço cultural tão marcante como é o sotaque. Sobre os costumes acerca das refeições noturnas, é real essa influência nas mudanças de preferência sobre massas ou o tradicional arroz, feijão e carne, a cidade absorveu bem essa opção, hoje está repleta de padarias e lanchonetes, mas os gostos se dividem bem entre a população.

## **2.2 A década das mudanças, 1970 e seu impacto em Picos.**

1970 foi uma década marcada por muitas transformações sofridas pelo mundo nas esferas culturais, econômicas e sociais, foi um período de muita tensão onde prevaleciam a hegemonia de duas grandes potências, Estados Unidos e União Soviética, era guerra fria e os dois países detinham tecnologia armamentista capaz de dizimar o planeta caso entrassem em um confronto direto. Contudo, esse recorte não ficou marcado apenas por essa tensão, novas formas de agir, novas formas de

---

<sup>51</sup> PIRES, Francisco Hélio. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos-PI, 2018.

comportamento e principalmente, novas formas de pensar marcaram intensamente esse período, a guerra fria acelerou exponencialmente as inovações e a descoberta de novas tecnologias, a corrida espacial, a criação do primeiro vídeo game, o processador Intel 4004, a exploração do planeta marte, o desenvolvimento da TV a cores, como também, era notável que as duas potencias dominavam as influencias sobre o social dos demais países, nesse ponto, se sobressaía o almejado “estilo de vida americano” que tornou-se durante vários anos um padrão a ser seguido difundido cada vez mais pela expansão do rock n roll e principalmente pela popularização do cinema. O cinema americano era divulgador de ideias, propagandista e difusor de moda e comportamento.

Nesse mesmo período o Brasil vivia a ditadura militar que havia tido início em 1964 e que se estenderia até 1985. Em 1970 o país era comandado pelo general Emílio Garrastazu Médici é nesse período que o Brasil alcança o status de “milagre econômico”<sup>52</sup> e se torna uma das maiores economias do planeta. Influenciada pelos empréstimos e investimentos estrangeiros, a economia brasileira entra num período de crescimento extraordinário. O protagonismo midiático fica por conta da TV, que assim como o rádio, desempenharam um papel fundamental nessas transformações e difusão de novas ideias e comportamentos, tanto em esferas nacionais quanto internacionais. O que se transmitia nesses meios de comunicação se espalhava pelo mundo em um curto espaço de tempo e atingia um grande número de pessoas.

Em todo o Brasil “as facilidades de crédito pessoal permitiram a expansão do número de residências que possuíam televisão: em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas tinham televisão, em 1970, a porcentagem chega a 40%”<sup>53</sup>. No Piauí não foi diferente, o momento de crescimento foi também vivido em todo estado e principalmente na capital Teresina como nos fala Mara Carvalho em sua dissertação:

“...Alberto Tavares Silva assumia o governo do Estado (Piauí) para o seu primeiro mandato (1971-1975). Preocupado com a infraestrutura, assim como, com o setor de transporte, Alberto fez sua popularidade crescer

---

<sup>52</sup> Milagre Econômico é a denominação de um período da história do Brasil que durou de 1968 a 1973. Esse período foi caracterizado por aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e baixos níveis inflacionários.

<sup>53</sup> FAUSTO, Boris. História do Brasil. 9 ed. São Paulo: Edusp, 2001, p. 484

tornando a melhoria desses dois setores o carro chefe do seu governo. A colocação desses dois setores como prioridade do governo piauiense, fez com que vários investimentos fossem dedicados a construção de estradas, muitas delas foram melhoradas e asfaltadas. Isso provocou um forte crescimento em todo o Estado, mas principalmente em Teresina, “a capital começou a exibir sinais de metrópole e ficou interligada por rodovias a todo o interior e ao restante do país”. O Piauí, mas em especial, Teresina passou a conviver na década de 70 com sucessivas obras. Construções dos mais variados tipos e funções passaram a fazer parte do dia-a-dia dessa cidade. Essa grande quantidade de obras fez com que Teresina recebesse o título de “canteiro de obras” de acordo com o governador do Estado e vários jornais da época<sup>54</sup>.

Picos, cidade do interior piauiense, não escapou a esse processo de transformação e modernização pelo qual o Piauí começava a se inserir, construção e asfaltamento de rodovias, assim como reformas de logradouros e praças públicas e ainda a estruturação da rede elétrica que até o início da década de 70 ainda funcionava por um motor no centro da cidade foram modificações inseridas em Picos durante a década de 1970, pelo governador do Estado. Dentre os feitos de maior notoriedade nesse período, que colaborou significativamente com o crescimento da cidade, foi a construção da Rodovia Transamazônica, assim como a implantação de uma Unidade do Exército Brasileiro - o 3º Batalhão de Engenharia de Construção. Esses fatos associados a vários outros implantados na urbe durante o período em questão, contribuíram para o desenvolvimento urbano de Picos<sup>55</sup>. Sendo essas mudanças também a porta de entrada para a tecnologia que chegava.

A partir dos anos de 1970, Picos entrava em outro momento de sua história, além de todo o desenvolvimento em infraestrutura que começava a beneficiar a cidade, socialmente, Picos era bombardeada por influências que começavam a emergir no seu cotidiano, gentílicos norte rio grandenses com seus costumes e cultura, jornais, revistas e até discos trazidos por jovens picoenses que estudavam nos grandes centros e nas férias voltavam para a cidade pra ficar com suas famílias, e nessas visitas já traziam com eles novas formas de falar, vestir e agir, contudo, o impacto maior foi causado pela popularização da televisão. Até então, vídeo notícias

---

<sup>54</sup> CARVALHO, Mara Gonçalves de. Picos: História, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970). 2015

<sup>55</sup> CARVALHO, Mara Gonçalves de. Picos: História, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970). 2015

só podiam ser vistas no cine spark<sup>56</sup> antes do começo de cada filme, a TV foi aos poucos ganhando espaço nos lares picoenses, sobre esse assunto o Sr. Hélio recorda que:

Vish eu me lembro demais da gente caçando lugar pra assistir os jogos do Brasil, naquele tempo as casas que tinham televisão eram contadas nos dedos, o ano era por volta de 75 (1975) eu acho, lá no junco mesmo onde a gente morava só uma casa tinha televisão, mas também a energia era muito ruim, a gente já chegou a sair do junco pra a ipueira a pé só pra assistir televisão, ainda bem que o pessoal era acolhedor, a gente chamava era de tele janela [risos], por que enchia a sala das pessoas e ficava um monte de gente na janela, mais os donos não reclamavam não, a imagem era ruim, muito ruim, uma chiadeira grande, e de vez enquanto saia do ar era tudo, aí demorava pra voltar, e quando voltava, se fosse um jogo, as vezes já tinha era terminado, ou já tinham feito gol [risos] mas era divertido, ainda tinha o problema de energia da cidade que era ruim demais. Tudo que saia na televisão a gente saia fazendo na rua, se era filme do Batman ou do Zorro, a gente ia brincar de luta, se era jogo do Brasil, a gente ia jogar bola, era divertido.<sup>57</sup>

No depoimento do senhor Hélio, é possível perceber que por volta da metade da década de 1970, as residências que possuíam televisão ainda eram muito poucas, e que a vizinhança se aglomerava nas casas que possuíam televisão para desfrutar da programação, interessante perceber principalmente a influência que a televisão já exercia sobre as pessoas, “Tudo que saia na televisão a gente saia fazendo na rua...”, esse trecho é importante para entender o poder que a televisão tinha de influenciar as pessoas, esse assunto norteará os próximos tópicos desse trabalho.

### **2.3 A evolução da mídia e sua influência no comportamento dos cidadãos.**

Para que possamos entender mais claramente a questão do entretenimento televisivo na cidade de Picos, é necessário se fazer saber que entre as décadas de

---

<sup>56</sup> Decreto de nº. 21.240 previa a obrigatoriedade de serem apresentados filmes informativos de curta-metragem antes do filme de longa-metragem, motivo principal do espetáculo.

<sup>57</sup> PIRES, Francisco Hélio. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos-PI, 2018.



1940 e 1980 Picos possuiu cinco cinemas, Cine Odeon, Cine Guaraní, Cine Ideal, Cine Alvorada e Cine Spark, sendo esse último o mais emblemático e duradouro cinema da cidade. O Spark foi um dos ícones de entretenimento de Picos, lembrado com muito carinho pelos cidadãos mais antigos e também pelos novos que encontraram em sua história motivação para pesquisa, era localizado em frente a praça Felix Pacheco, o centro de encontros da cidade, conhecida como “o coração da cidade”, lugar de passeios, paqueras, comícios, festas e lazer. No decorrer desses anos os cinemas de Picos fecharam suas portas por diferentes motivos, como por exemplo o Odeon que sofreu com o alto investimento que seria necessário para melhorar o espaço e as películas, o Guaraní que sofreu com a precariedade da energia elétrica e dificuldade para conseguir novos filmes, o Ideal que também sofreu com a questão da energia elétrica insuficiente e o Alvorada que passou por problema em suas instalações<sup>58</sup>, O Cine Spark sofreu com um conjunto de fatores que tornaram-se um peso para seus diretores, fazendo com que não houvesse mais meio de sustenta-lo, assim sendo, os mesmos resolveram fecha-lo.

---

<sup>58</sup> Bezerra, Layrton Borges. Sob o signo da ilusão: as várias formas de representação do Cine Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984.



Imagem 12: Matéria do Jornal Macambira sobre a decadência do Spark

Fonte: Cine Spark decadente. Jornal Macambira, Picos, 31 dez. 1982, ano IX, n. 95.

O texto fala sobre a dificuldade a partir da nova norma do governo federal a ser aplicada nas salas de cinema que é a de 145 dias de exibição de filmes nacionais, segundo Antônio dos Santos em um trecho do texto "o cinema não se sustenta com filmes nacionais, pois são de péssima qualidade, filmes estrangeiros dão mais lucro", no mesmo texto Antônio fala ainda que "a presença de jovens em filmes proibidos, deficiência do som e das condições físicas do Cine Spark devem ser solucionados imediatamente, é a contestação das pessoas que frequentam o

Cine Spark”. No topo do recorte do Jornal Macambira, o título do texto escreve “A concorrência da televisão” no corpo do mesmo, os motivos para a ferrenha “guerra” dos cinemas com a televisão:

A televisão, criada na década de 50, tem sido uma das maiores concorrentes do cinema. Ela proporciona um certo comodismo por parte das pessoas, já que possuindo o aparelho torna-se desnecessário sair de casa para divertir-se. Pensa-se também em termos de economia pois “cinema está caro”, conforme afirma o estudante José Maria para Antônio dos Santos, um dos diretores do estabelecimento, “a televisão tem sido a nossa maior concorrente, pois ela massifica”. Para ele “toda fita deveria ser educativa, instrutiva, precisando para tanto do apoio do governo federal”.<sup>59</sup>

O trecho acima fala do comodismo proporcionado pela televisão, uma vez que não seria mais necessário sair de casa para ver filmes, ou notícias, ou programas, isso poderia ser feito na própria sala da residência. É interessante se fazer uma conexão com outros tantos aparatos tecnológicos que voltados para a praticidade e deixando o usuário mais cômodo, substituíram de forma rápida e eficaz outras, como é o caso por exemplo do telefone, que pouco a pouco tornou a inscrição de cartas uma prática antepassada, hoje até romantizada. É importante frisar a importância do recorte temporal, hoje o cinema é muito forte, contudo, no período do recorte ele praticamente sumiu das cidades interioranas principalmente.

Dois filmes nacionais apresentam muito bem essa questão, são eles: cine hollywoodiano (2013), cuja a sinopse descreve que no “Interior do Ceará, década de 1970. A popularização da TV permitiu que os habitantes da cidade desfrutassem de um bem até então desconhecido. Porém, o televisor afastou as pessoas dos cinemas. É aí que Francisgleydisson (Edmilson Filho) entra em ação. Ele é o proprietário do Cine Hollywoodiano, um pequeno cinema da cidade que terá a difícil missão de se manter vivo como opção de entretenimento”.<sup>60</sup> E o Tapete Vermelho (2007), filme sobre “Quinzinho (Matheus Nachtergaele) que mora na roça, bem distante da cidade grande. No aniversário de 10 anos de seu único filho, ele resolve pagar uma promessa que fez a seu pai: levar o menino para assistir a um filme do Mazzaropi no cinema. Mesmo com a relutância da mulher Zulmira (Gorete Milagres), ele parte com

<sup>59</sup> Cine Spark decadente. Jornal Macambira, Picos, 31 dez. 1982, ano IX, n. 95.

<sup>60</sup> <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202333/>

a família e com o burro Policarpo rumo à cidade para cumprir seu objetivo. Na primeira parada, o cinema virou uma loja de eletrodoméstico. Em outra, estacionamento. Numa terceira, o cinema é agora uma Igreja Evangélica. Mesmo com tantas mazelas, ele está determinado a assistir um filme de seu ídolo e pagar a promessa.”<sup>61</sup>

Os dois filmes retratam muito bem o que ocorreu principalmente nas cidades interioranas com os cinemas após a chegada da TV, o esforço dos donos de salas de exibição foram em vão frente a novidade tecnológica da época, em relação ao Cine Spark, a vida imita a arte, após seu fechamento, o espaço tornou-se sede de uma igreja evangélica a exemplo do que aconteceu com um dos cinemas visitados pelo personagem Quinzinho, no filme o Tapete Vermelho.

#### **2.4 A Televisão e seu protagonismo na influência comportamental e social dos picoenses.**

É sabido que a televisão se tornou um dos meios de comunicação mais influentes do planeta. Política, gastronomia, saúde, moda, bens de consumo, comportamento, música, tendências, hábitos, comércio, tudo sofre influência da TV, hoje ela possui outros concorrentes, mas, no recorte, ela era única, sucedendo o rádio como principal atrativo nas residências. A TV trouxe o mundo para dentro das casas picoenses, mas o começo foi complicado, poucas casas possuíam o aparelho, o mesmo era tido como artigo de luxo das famílias, a energia da cidade deixava muito a desejar e os problemas com a transmissão do sinal eram frequentes como podemos ver na matéria intitulada “E a imagem da TV?”, do jornal Voz do Campus de 28 de dezembro de 1972, escrita pelo diretor do jornal, o Sr. Antônio Pereira da Cruz.

---

<sup>61</sup> <https://www.guiadasemana.com.br/cinema/sinopse/tapete-vermelho>

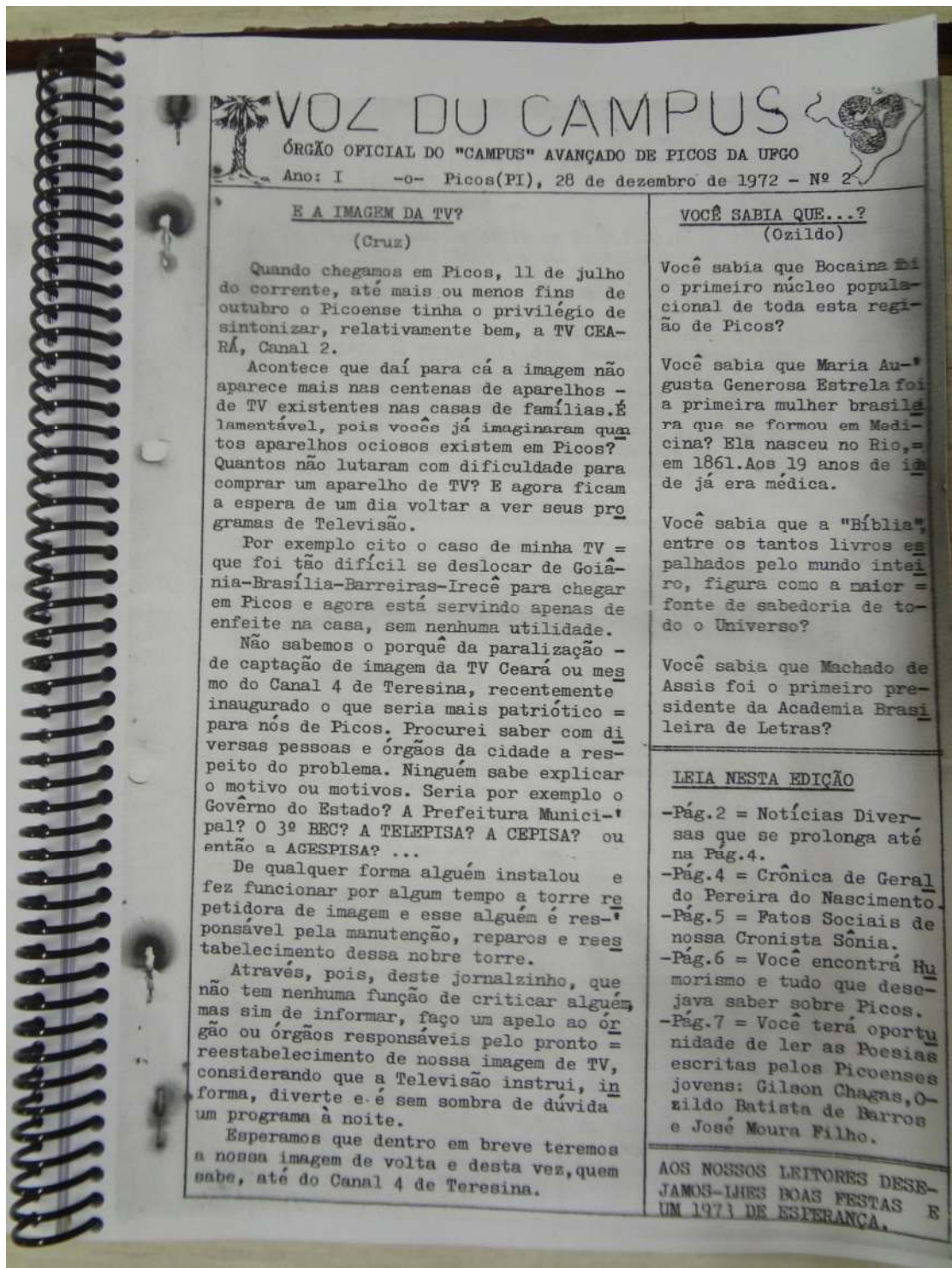


Imagem 13: Matéria do Jornal Voz do Campus sobre a imagem da TV

Fonte: E a imagem da TV? Jornal Voz do Campus de 28 de dezembro de 1972, ano I, Nº 2

A matéria nos faz perceber a dificuldade que alguns aparatos tecnológicos enfrentam ao emergir para a sociedade. A televisão chegou a Picos, mas com os problemas de energia e sobretudo de sinal, se tornava apenas uma caixa de

madeira no meio da sala. Segundo o Sr. Antônio Pereira da Cruz, de 11 de julho de 1973 até o final do mês de outubro do mesmo ano, os picoenses tinham o privilégio de sintonizar relativamente bem o sinal da TV Ceará canal 2, porém, de outubro até 28 de dezembro data da edição do jornal, o sinal de televisão não aparece mais nas centenas de aparelhos da cidade, completando ai mais de 2 meses sem sinal de TV, Já imaginaram a quantidade de aparelhos ociosos na cidade? Quantos não lutaram com dificuldade para comprar um aparelho de TV? O Sr. Antônio descreve ainda a dificuldade para se conseguir uma televisão quando fala: “por exemplo, cito o caso da minha Tv que foi tão difícil se deslocar de Goiânia-Brasília-Barreiras-Irecê até chegar a Picos...Não sabemos o porquê da paralização da captação da TV Ceará ou mesmo do canal 4 de Teresina, recém inaugurado, procurei saber com diversas pessoas e órgão da cidade, e ninguém soube explicar”. No texto do Sr. Antônio, aparecem muitas barreiras para se conseguir ver TV em Picos no recorte preposto, são elas: a dificuldade para se comprar uma TV, que vinha de outras cidades, a captação de sinal, só haviam 2 sinais de Televisão, a TV Ceará e o Canal 4 de Teresina, contudo só a Tv Ceará funcionava relativamente bem, a dificuldade para se obter informações acerca de problemas com a transmissão, pois no texto o Sr. Antônio fala que procurou várias pessoas e órgãos na cidade e nenhum deles soube informar o porquê do corte na transmissão, daí então pode-se imaginar a dificuldade para se consertar essa captação de sinal.

Depois de entendermos que não era fácil conseguir ver TV em Picos no início da década de 1970, vemos no início desse capítulo os conflitos culturais e a influência exercida pelos gentílicos norte rio grandenses nos municípios picoenses, e discorrer sobre aspectos importantes e necessários para dar um melhor entendimento sobre esse trabalho, vamos retornar para o cerne dessa discussão, a emergência dos signos pós modernos a partir da influência midiática nos cidadãos picoenses.

Como dito por nosso entrevistado o Sr. Hélio Pires algumas páginas atrás, “tudo que saia na televisão as pessoas faziam na rua”, não há uma só área da vida onde a TV não exerça sua forte interferência. Em Picos, antes mesmo da popularização desse meio de comunicação, como também já foi dito antes, os picoenses se nutriam de informação através das revistas, dos jornais impressos, e do canal 100, 15 minutos de um informativo sobre vários assuntos do Brasil e do

mundo, com notícias com um atraso de semanas, foi pelo canal 100 por exemplo, que se teve notícias como.

A morte de JFK; o assassinato de Martin Luther King e Bob Kennedy; o Festival de Woodstock; o incêndio do Edifício Joelma em São Paulo; a morte de Juscelino Kubitschek, entre muitas outras. Outra seção corrente era Gente, onde podia ser visto desde uma festa da alta sociedade até os grandes eventos sociais e culturais do eixo Rio-São Paulo, com ênfase para o Rio. Muitos fatos foram registrados como a visita de Brigitte Bardot ao Brasil; o show de Frank Sinatra no Maracanã; a vinda do Papa João Paulo II ao Brasil entre outros eventos que foram motivo de cobertura. Na seção Arte era feita a cobertura dos eventos artísticos com destaque para as produções de balé do teatro municipal do Rio de Janeiro e os shows musicais.<sup>62</sup>

Como podemos ver as notícias eram bem variadas, e atendiam a todos os gostos, segundo o Sr Jorge Rodrigues Paiva foi em um desses informativos que ele viu pela primeira vez os Beatles<sup>63</sup>

Tava passando umas informações sobre política e umas festas do Rio de Janeiro né, ai de repente passou pras informações internacionais. Rapaz ai quando apareceu falando dos Beatles foi animação nesse cinema, porque a gente já tinha ouvido uma ou outra música na rádio e visto uma ou outra foto num jornal, agora vê eles tocando ali na tela do cinema, rapaz foi legal demais né, depois que saímos do cinema o povo nem falava do filme, só falavam dos Beatles, ai eu sei que depois de um tempo até apareceu uma banda na cidade que tocava as músicas deles e até se pareciam com eles, eu sei que fizeram sucesso demais, todo mundo ia no show deles quando tinha.<sup>64</sup>

O depoimento do Sr. Jorge deixa bem clara o poder do conjunto imagem, movimento e áudio, quando ele fala que já havia ouvido músicas dos Beatles na rádio, e já havia visto fotos dos mesmos no jornal, mas teve uma surpresa ao vê-los na tela do cinema tocando, esse é o tipo de experiência que só a TV e o cinema

<sup>62</sup> MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. *Canal 100: a trajetória de um cinejornal*. 2006. 134 f. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, São Paulo, 2006.

<sup>63</sup> The Beatles foi uma banda de rock britânica, formada em Liverpool em 1960. É o grupo musical mais bem-sucedido e aclamado da história da música popular. A partir de 1962, o grupo era formado por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr

<sup>64</sup> PAIVA, Jorge Rodrigues. Entrevista concedida a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos-PI, 2019.

podiam oferecer. A banda a qual se refere o Sr. Jorge é a banda Os Leões, imagem abaixo.



Imagem 14: Show de Inauguração dos Instrumentos elétricos da Banda Os Leões. (Nome dos componentes: Graziane, Campos, Tadeu, Zezé e Jorge Granja)

Fonte: Acervo Varão

É possível perceber a grande influência tanto na música quanto na aparência da banda de rock inglesa, os “Beatles de Picos” como ficou conhecida a banda Os Leões, usavam gravatas, colete e penteados idênticos aos dos garotos de Liverpool.

É importante ressaltar a força do discurso católico que norteava a cidade de Picos até então, comportamento, roupas, cultura, tudo era ditado como uma linha padrão de sociedade a ser seguida, nesse contexto, ir contra essa linha, era rebeldia. Ao final dos anos de 1970 esse conservadorismo foi perdendo força tendo como motivo principal as novas formas de agir e pensar que chegavam a Picos embarcadas nos meios de comunicação, sobre isso, Edwar Castelo Branco, diz que:



De maneira geral, portanto, podemos dizer que os discursos que circulavam nos anos sessenta – em larga medida decorrentes e conectados com as maravilhas tecnológicas da época – testemunhavam um crescente processo de fragmentação das paisagens culturais, particularmente das noções tradicionais de gênero, de sexualidade, de étnica, de classe, etc. Por consequência, as sólidas localizações sociais existentes até o final dos anos cinquenta estavam também abaladas.<sup>65</sup>

Os jovens com suas mentes imaturas e mais propícias a novidades e mudanças eram atingidos em cheio por toda a inquietação vivida pelo Brasil no recorte preposto e que ganhou força com a popularização dos meios de comunicação. O tempo da jovem guarda inspirou músicas, comportamento e moda, junto com o movimento hippie, isso também foi percebido em Picos.



Imagem 15: Grupo de garotos, década de 1970.

Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

Stefany Marquis de Barros Silva em seu artigo descreve a fotografia acima da seguinte forma:

---

<sup>65</sup> CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Todos os Dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

Era a época do “Paz e Amor”, proposta *hippie* e lema contra a violência do exército americano na Guerra do Vietnã, cuja uma das representações se dá no símbolo que observamos o garoto vestido de camisa preta fazendo na pose para a foto. Notamos também o primeiro homem da esquerda para a direita, que possui cabelos compridos e barba espessa, com um lenço amarrado na testa, além disso, aparece abraçando o colega carinhosamente. A partir disso podemos considerar uma mudança nos costumes, as barreiras sociais existentes na primeira metade do século certamente cerceariam esse comportamento com o discurso de que “homens de verdade não fazem demonstrações de carinho públicas para outros homens”. Através das imagens percebemos traços libertários característicos da época.<sup>66</sup>

Assim como a moda, o comportamento e a atitude dos jovens picoenses iam sendo norteados ante os movimentos que lhe eram contemporâneos, com a moda, isso já era visto em relação aos filmes exibidos no Cine Spark, as mulheres picoenses se antenavam buscando inspiração nas roupas das atrizes americanas mais afamadas, como Sophia Loren, Elizabeth Taylor e Marilyn Monroe, como dito por Aylla Luz em seu trabalho.

[...] seja no vestir com os decotes e o encurtamentos das roupas; nos comportamentos, com o cruzar das pernas e as investidas dos ventos, os quais poderiam levantar um pouco os vestidos das moças fazendo com que as pernas ficassem em evidencia, o que seria associado a artista Marilyn Monroe e a ideia de sensualidade que ela carregava consigo.<sup>67</sup>

Os filmes e as estrelas que nele contracenavam exerciam um papel de grande importância principalmente no imaginário feminino da época, esse papel encontrou uma forte concorrência nas telenovelas produzidas a partir de 1970, essas evoluíram no que diz respeito a narrativa, encenação, conteúdo e linguagem televisiva. Sobre esse assunto Millena Sousa nos fala que:

As novelas desempenhavam um papel não de apenas entretenimento, mas recaia sobre ela a responsabilidade de lançar e imprimir novas modas; a

---

<sup>66</sup> SILVA, Stefany Marquis de Barros. Uma aventura nos Picos mais altos do mundo: práticas urbanas, estética e rebeldia nos "anos rebeldes"

<sup>67</sup> LUZ, Aylla Mara Caminha. CINE SPARK: Memória, Lazer, Sociabilidade em Picos-PI nas décadas de 1960 e 1970.

partir daí os indivíduos apropriavam-se das imagens televisivas para se comportar e vestir-se de acordo com o que veiculavam no momento. Na década de 1970, as novelas lançaram modas que muitas vezes se estenderam por décadas podendo ser vistas atualmente. Diante do contexto que os anos 1970 com o advento da Revolução Sexual, a criatividade, experimentação refletia-se na inventividade das roupas que as personagens novelísticas souberam usar e ditar.<sup>68</sup>



Imagem 16: Atriz Tônia Carrero nos bastidores da novela Pigmalião 70

Fonte: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/574>

Na imagem acima, a atriz Tônia Carrero, que em 1970 protagonizava a novela Pigmalião 70 exibida pela TV Globo. Sua personagem a milionária Cristina Guimarães usava um corte de cabelo que virou moda entre as mulheres da época, ficando o corte conhecido como pigmalião. Segundo Millena Sousa, “era um corte bastante volumoso no alto e fios comprido do pescoço para baixo, as mechas davam um formato de camadas repicadas, o comprimento dos fios embaixo tirava o volume dando um tom de descontração e leveza nos cabelos.”<sup>69</sup> Abaixo, foto de Lucinha Deusdará (a direita), fazendo uso do corte Pigmalião em Picos.

---

<sup>68</sup> SOUSA, Millena Araujo Carvalho. Do Clássico ao Hippie: moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de Picos na década de 1970.

<sup>69</sup> SOUSA, Millena Araujo Carvalho. Do Clássico ao Hippie: moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de Picos na década de 1970.



Imagem 17: Zenilda Deusdará, Mundica Fontes e Lucinha Deusdará em Picos-PI.

Fonte: Arquivo pessoal de Mundica Fontes.

Outra novela que lançou moda foi a novela *Cavalo de Aço* exibida em 1973 pela TV Globo, o protagonista era Rodrigo Soares interpretado por Tarcísio Meira, segundo Millena Sousa, “o seu estilo atraiu muitos homens para mudança no guarda roupa, nas cenas de acordo com a fotografia número 06, exibia-se com a calça jeans e boca de sino e jaqueta matelassê. O que marcou essa novela foram os sapatos de salto alto que os homens usavam, e que veio a ser chamado de *cavalo de aço* por ter sido lançado também nessa novela. ”

“O nome da novela fazia alusão a moto do herói da trama, Rodrigo, interpretado por Tarcísio Meira, mas logo a expressão “cavalo de aço”

passou a denominar os sapatos de sola de borracha usados pelo personagem, que se tornaram moda na época<sup>70</sup>

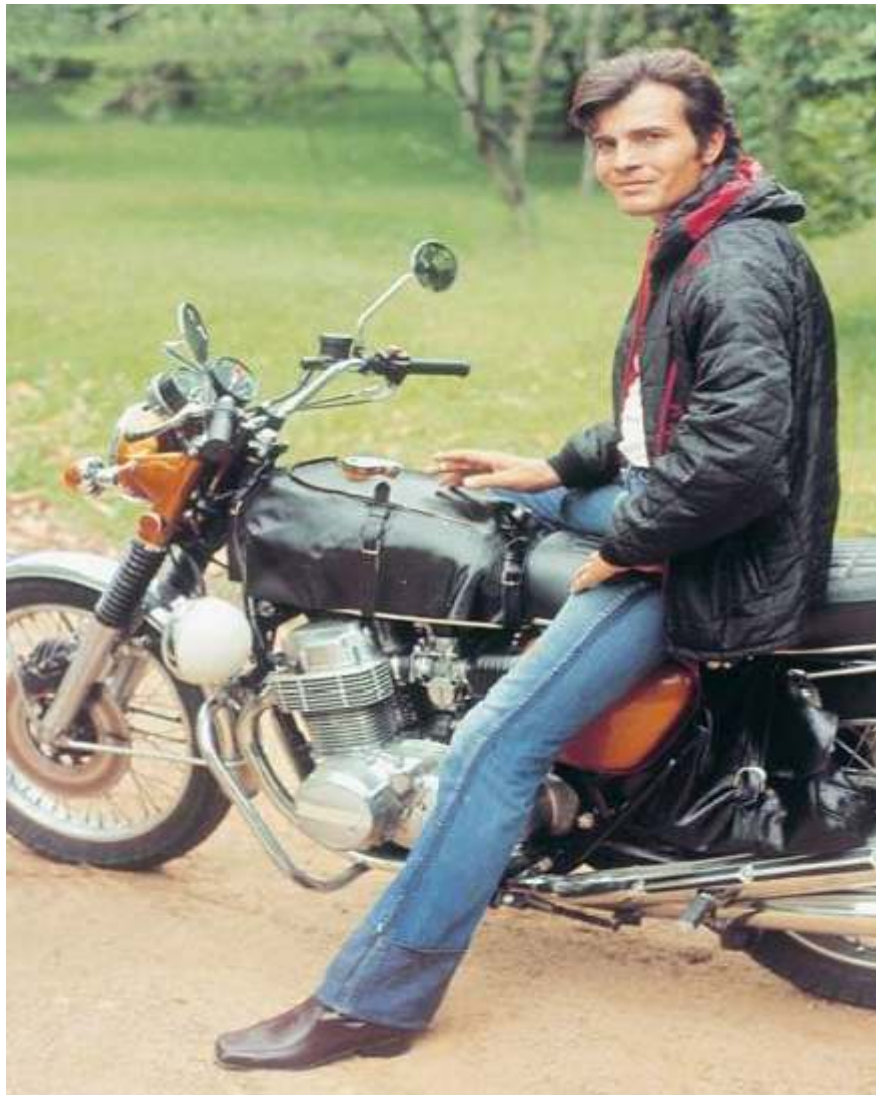


Imagem 18: Tarcísio Meira, atuando no personagem Rodrigo Soares.

Fonte: <https://motite.blogs.sapo.pt/tag/motoqueiro>

Acima, imagem de Tarcísio Meira como Rodrigo, é possível ver o personagem usando o sapato que fez tanto sucesso no país. Mas e em Picos, Como Foi? O Sr. Jorge Paiva nos fala que:

---

<sup>70</sup> <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cavalo-de-aco/figurino-e-caracterizacao.htm>

Ahhh rapaz, aqui os homens quase endoidam por esse pisante<sup>71</sup> ai, só que pra comprar era difícil demais, porque era caro né, e aqui mesmo não vendia não, eu mesmo vim ver o primeiro quando a novela já tinha era acabado, só que ele ficou sendo usado muito depois da novela né, o bicho era bonito, até o nome era bonito, tinha uns sapatos velhos que a gente usava que a gente dizia pra todo mundo que era um “cavalo de aço”, e as pessoas acreditavam até porque só viam na Tv mesmo [risos], mas o original né, era fornido<sup>72</sup>, brilhoso, era caro também né, tudo que aparecia na Tv era caro. A gente queria usar as coisas dos atores, as mulheres bem mais, eu sei que as pessoas até fazer como eles, fazia, tipo assim, o jeito sabe? A gente imitava os personagens, queria andar que nem eles né, as vezes parecia com eles no jeito, mas nem percebia.<sup>73</sup>

Como podemos perceber na fala do Sr Jorge, o “pisante” usado pelo personagem fez de fato muito sucesso, é perceptível também que os produtos lançados nessas novelas demoravam bastante para chegarem a cidade, uma vez que o Sr Jorge relata que quando viu o primeiro “cavalo de aço” a novela já tinha acabado, interessante destacar também na fala do entrevistado o valor que os produtos obtinham quando apareciam na Tv. A influência da televisão no comportamento das pessoas fica explícito no depoimento do Sr. Jorge, quando ele fala que “as pessoas até fazer como eles, fazia...” e continua falando que “...as vezes parecia com eles no jeito mas nem percebia” essa última frase expõe o poder subliminar<sup>74</sup> que esse meio de comunicação tinha sobre a sociedade.

Faremos agora uma análise sobre a influência que a TV exercia nas pessoas quanto à escolha dos nomes dos seus filhos, para tanto, usaremos a ferramenta Nomes do Brasil, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), cruzando os dados da ferramenta com nomes de personagens das novelas no recorte preposto.

Em 1972, estreava na rede globo a novela selva de pedra, que entrou para a história das novelas da Globo e da dramaturgia nacional após atingir 100% de audiência, ou seja, a novela conseguiu que em determinado momento, que todas as televisões estivessem sintonizadas na trama. A narrativa começa em uma pequena cidade na qual Cristiano (**Francisco Cuoco**) se envolve em uma briga e acaba

<sup>71</sup> Gíria usada para definir calçado. <https://www.dicionarioinformal.com.br/pisante/>

<sup>72</sup> Resistente, encorpado, robusto. <https://www.dicionarioinformal.com.br/fornido/>

<sup>73</sup> PAIVA, Jorge Rodrigues . Entrevista concedida a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos-PI, 2019.

<sup>74</sup> Diz-se de algo que atua de forma indireta no subconsciente das pessoas de modo a atingir o objetivo desejado , nas consciências delas. <https://www.dicionarioinformal.com.br/subliminar/>

matando um rapaz por acidente. A única testemunha é Simone (**Regina Duarte**), que abriga Cristiano, sabendo que ele é inocente.<sup>75</sup> Nesse período a popularidade do nome Cristiano ficou em alta, como veremos abaixo.

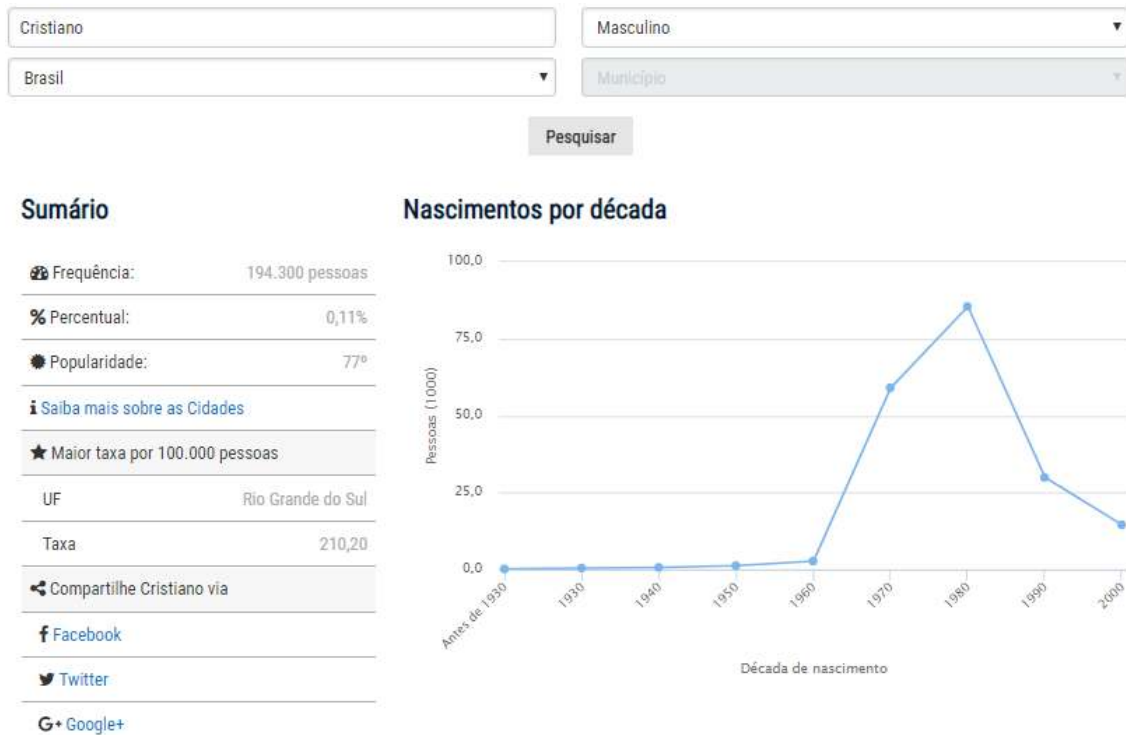


Imagem 19: Pesquisa do nome Cristiano a nível de Brasil

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/nomes/#/search/response/870>

<sup>75</sup> <https://gente.ig.com.br/tvenovela/2016-08-04/novelas-globo-anos-70-anos-80.html>

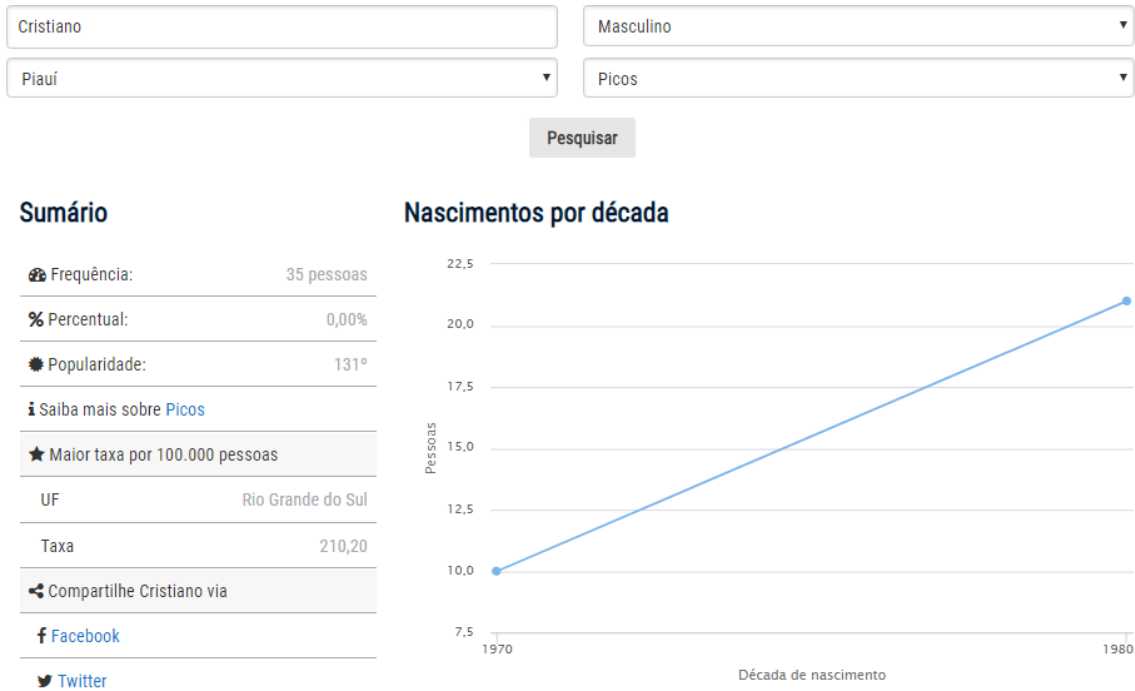


Imagem 20: Pesquisa do nome Cristiano a nível de município Picos-PI

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/nomes/#/search/response/870>

Analisando as duas imagens podemos perceber que após o lançamento da novela Vale Tudo o nome Cristiano, usado pelo protagonista da mesma tem uma ascensão, tanto a nível de Brasil, quanto a nível de município (Picos-PI).



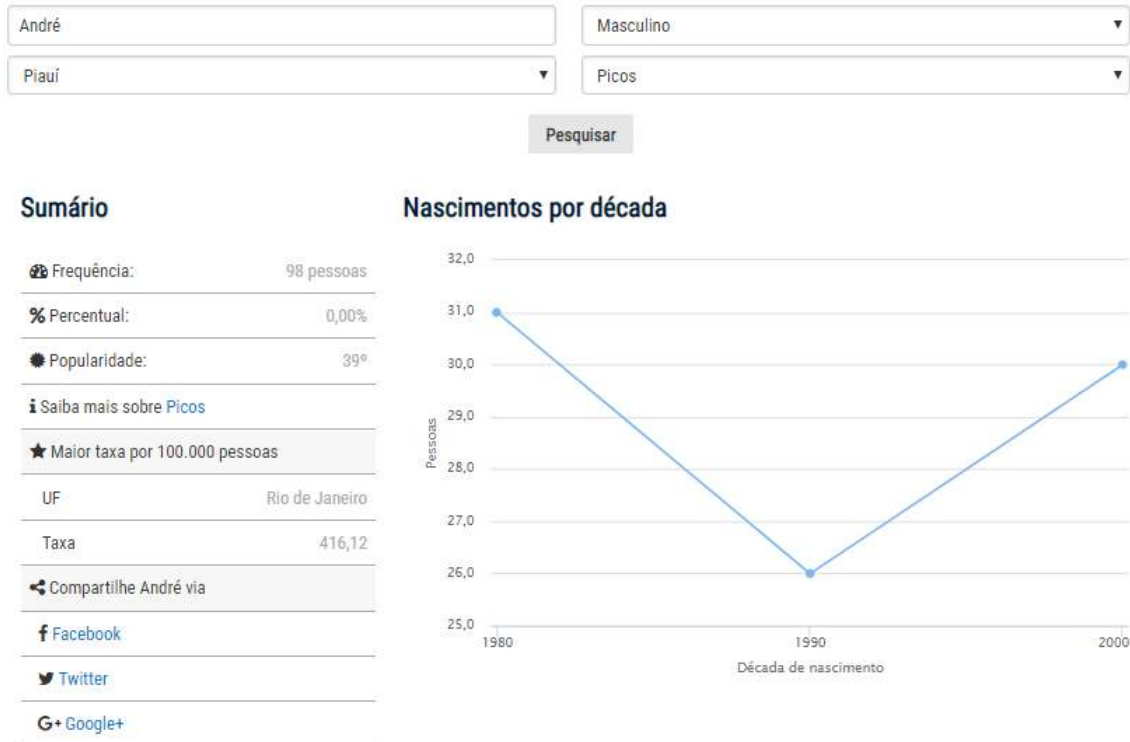


Imagem 21: Pesquisa do nome André a nível de município Picos-PI

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/nomes/#/search/response/870>

Continuando o argumento, no ano de 1979 estava no ar a novela pai herói, também exibida pela rede globo, tinha como protagonista André, vivido por Fábio Junior, o nome tinha uma variação de registro em Picos-PI de quase 100 pessoas no início da década de 1980, tendo um declínio acentuado após esse período (conforme imagem acima), pouco depois do termino da novela que ocorreu em agosto de 1979. Para corroborar com nossa afirmação, colhemos o depoimento do Sr. Pedro Paulo Santos Silva.

Pois é, eu coloquei o nome do meu filho de André por causa do Fábio Junior né, na novela que agora eu esqueci o nome, eu sei que eu gostava da novela demais, aqui em casa a televisão ainda era preto e branco, mais ai eu comprei uma tela que fez muito sucesso na época, era uma tela colorida, a gente colocava na frente da televisão pra imagem ficar igual da televisão colorida [risos], rapaz aquilo era uma presepada, a cara do povo ficava roxa,

verde, rosa, amarela dependendo de onde ele aparecesse na tela a cara era de uma cor [risos].<sup>76</sup>



Imagem 22: Foto do acessório tela colorida da residência do Senhor Manoel Gomes da Silva, a mesma era usada na frente da televisão, para que a tela passasse de preto e branco para colorida.

Fonte: Helder Leonardo da Silva Pires

---

<sup>76</sup> SILVA, Pedro Paulo Santos. Entrevista concedida a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos-PI, 2019.



Imagem 23: Foto do acessório tela colorida em uso na televisão.

Fonte: <https://www.facebook.com/CoisaVelha/posts/lembram-destas-telas-que-colocavam-na-frente-das-tvs-preto-e-branco-para-deixare/488092961221412/>

Com o depoimento do Sr. Pedro Paulo e os dados da ferramenta nomes do Brasil do IBGE, pudemos confirmar que as novelas exibidas na televisão influenciavam também na escolha de nomes, assim como vimos nesse trabalho que essa influência também norteava comportamentos, moda e atitude. Analisando as imagens acima pudemos perceber a criatividade nos acessórios para televisão, uma vez que a tela colorida deveria fazer a imagem da TV ficar colorida, e o fazia, contudo era de forma aleatória.

Com essas análises concluímos a proposta inicial desse trabalho monográfico, tendo o mesmo transcorrido por várias vertentes tocantes aos signos emergenciais da pós-modernidade na cidade de Picos entre 1960 e 1980, comportamento, religião, tecnologia, sociabilidade, hábitos, moda, costumes, tudo foi explanado para que pudéssemos corroborar com a proposta desse trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se propôs a entender os processos influenciadores pelo qual a cidade de Picos-PI passou entre os anos de 1960 a 1980, discorreremos levemente sobre a situação de Picos em meados dos anos de 1950 com base no livro Picos: Os verdes anos cinquenta, do Renato Duarte, para que tivéssemos o alicerce necessário para transcorrer sobre os acontecimentos das décadas posteriores.

Aprofundamos a pesquisa no tocante à chegada do 3º Batalhão de Engenharia e Construção, sendo esse acontecimento um divisor de águas na história da cidade, seguindo sobre documentos relativos à saída da sede antiga, instalação em Picos e situação política da época, prosseguindo, tomamos a percepção de desenvolvimento trazido pelo 3º BEC para Picos-PI. Abordamos as migrações e as relacionamos a um determinado momento da história e os conceitos referentes a causas e consequências desse fenômeno que faz parte da história de formação de nossa sociedade, abrimos caminho para novas pesquisas e novas discussões sobre o assunto, pois temas como este, podem apresentar variados pontos de vista.

Explanamos sobre a relação dos migrantes, principalmente norte rio grandenses com os munícipes da cidade de Picos-PI, abordando a questão cultural e religiosa como pano de fundo dessa relação. Debates sobre os signos inadiáveis da pós modernidade nessa cidade, como argumento que dá título a esse trabalho, tomamos como meio de comunicação protagonista nessa emergência a televisão, que na sua popularização nessa cidade, influenciou moda, nomes, comportamentos e atitudes, assim como estas também foram influenciadas pela relação com os migrantes.

O uso da história oral esteve presente em todos os momentos desse trabalho, os depoimentos concedidos pelos entrevistados deram o tom necessário para corroborar com as imagens e documentos apresentados, além das muitas contribuições colhidas em trabalhos acadêmicos de colegas e livros escritos por autores importantíssimos no campo historiográfico.

Não esperamos de forma alguma que esse seja o ponto final para as pesquisas acerca do pós-modernismo na cidade de Picos - PI, assim como esse trabalho também não foi o ponto de partida, ele é parte da estrada que esperamos que seja longa, uma vez que a história é continuada dia a dia.

## REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva e memória histórica*. In: \_\_\_\_\_. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MILAGRE ECONÔMICO BRASILEIRO. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Milagre\\_econ%C3%B4mico\\_brasileiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Milagre_econ%C3%B4mico_brasileiro)>. Acesso em: 04 nov. 2012.

MAUAD, Ana Maria. *História, iconografia e memória*. In: *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, 1996.

POLLACK, Michel. "Memória, Esquecimento, Silêncio"; In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

POLLACK, Michel. *Memória e identidade social*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

Estatuto da *Associação Brasileira de História Oral*, fundada em 1994, Art.1º, par.1º; In: *Revista de História Oral*, nº1, 1998:14.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. - 2. ed. rev. ampl. - Recife: [s.n.], 1995 (Gráf. Ed. Nordeste).

<http://legis.senado.leg.br/diarios/PublicacoesOficiais>, Diário do Congresso Nacional, 18 de agosto de 1970.

REGISTRO Histórico do 3º Batalhão de Engenharia de Construção. Tomo V. p. 4, 1970.

Registro histórico, Câmara de vereadores de Picos - PI, 1970

MOURA, José Elierson de Sousa e NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. "UMA CIDADE ESTRANHA": a instalação do 3º BEC e as produções de sentidos sobre a cidade de Picos durante a década de 1970.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 9 ed. São Paulo: Edusp, 2001.

ANDRADE, Manuel Correia de. A intervenção do Estado e a seca no Nordeste do Brasil. Revista de Economia Política, vol. 6, nº 4, 1986. p. 127.

PIRES, Klédison de Lima. Memórias e outras histórias: as migrações para a cidade de Picos na década de 1970. 2013

MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. *Canal 100: a trajetória de um cinejornal*. 2006. 134 f. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, São Paulo, 2006.

SOUSA, Millena Araujo Carvalho. Do Clássico ao Hippie: moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de Picos na década de 1970.

LUZ, Aylla Mara Caminha. CINE SPARK: Memória, Lazer, Sociabilidade em Picos-PI nas décadas de 1960 e 1970.

SILVA, Stefany Marquis de Barros. Uma aventura nos Picos mais altos do mundo: práticas urbanas, estética e rebeldia nos "anos rebeldes"

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Todos os Dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

CARVALHO, Mara Gonçalves de. Picos: História, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970). 2015.

BEZERRA, Layrton Borges. Sob o signo da ilusão: as várias formas de representação do Cine Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984.



## DEPOIMENTOS

Silva, Manoel Gomes da. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires. Picos, 2016

PIRES, Severino Ramos. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2011.

PIRES, Francisco Hélio. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2017.

PIRES, Sebastião Mario. Depoimento concedido a Klédison de Lima Pires, Picos, 2014.

PIRES, Inês Ilma da Cruz. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2016.

PIRES, Francisca Maria da Silva. Depoimento concedido a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2017.

PAIVA, Jorge Rodrigues. Entrevista concedida a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2019.

SILVA, Pedro Paulo Santos. Entrevista concedida a Helder Leonardo da Silva Pires, Picos, 2019.



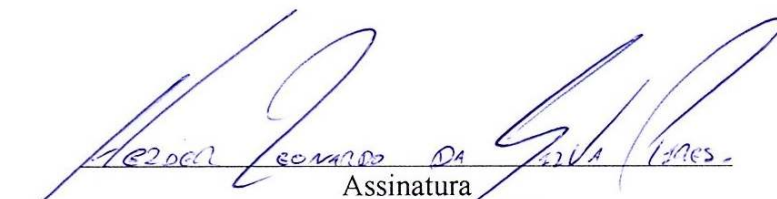
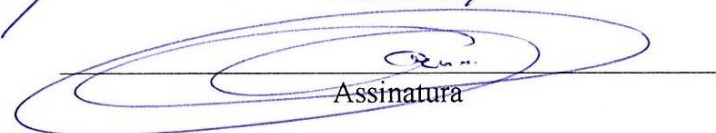
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, **HELDER LEONARDO DA SILVA PIRES**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação, **O sertão em estilhaços: Picos e os signos emergenciais da pós-modernidade nas décadas de 1960 a 1980** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 21 de Junho de 2021.

  
 Assinatura  
  
 Assinatura